EDIÇÃO SEMANAL DA EMPREZA D'O SECULO | N.º 38 | Lisboa, 12 de novembro de 1906

Illustração Portugueza

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias = EDITOR: José Joubert Chaves

Assignatura para Portugal, colonias e Hespanha

Anno	4$800
Semestre	2$400
Trimestre	1$200

Assignatura conjuncta do Seculo, do Supplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portugueza

PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA

Anno	8$000	Trimestre	2$000
Semestre	4$000	Mez (em Lisboa)	700

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS = Rua Formosa

Summario

Sedativo BEIRÃO

ANTI-DYSMENORRHEICO

E' o mais adequado e soberano medicamento para todos os soffrimentos que precedem ou acompanham as menstruações irregulares (dysmenorrheas). Cura ou allivia as colicas uterinas e dos ovarios, as dôres reflexas muito violentas na cabeça, estomago, ventre e quadris; vertigens, spasmos, convulsões, ataques nervosos, hystericos e outros; nauseas, vomitos, diarrhea, atate a elevação do ventre por accumulação de gazes, a turgidez das veias das pernas e das hemorrhoidarias que muito complicam as menstruações irregulares. O **Sedativo «Beirão»** actua com especialidade sobre o utero, orgãos annexos e dependentes, dá-lhes energia muscular, regularisa as suas funcções e é muito efficaz na atonia dos ovarios e na debilidade ou fraqueza do utero. E' indispensavel na amenorrhea accidental ou suspensão subita das regras por effeito de resfriamentos, emoções ou sustos. O **Sedativo Beirão** contém propriedades tonicas, adstringentes e antisepticas, muito efficazes para debellar o fluxo brancouteroo vaginal (leucorrhea).

O **Sedativo «Beirão»** é de grande valor therapeutico na menopausa ou cessação final das regras. Elle tonifica as fibras musculares do estomago e intestinos, assegura o regular movimento peristaltico e antiperistaltico d'estas visceras que, quando invertido, é origem e sustentaculo de graves perturbações gastro-intestinaes, diminue a pressão sanguinea, estabelece o equilibrio da circulação e consequentemente melhora os perigos da superabundancia de sangue e de outras molestias que sobrevêem pela cessação final dos menstruos n'esta mudança da vida da mulher. O **Sedativo» Beirão»** não é contra indicado nas molestias uterinas e dos ovarios que dependem de lesões d'aquelles orgãos ou de intervenção cirurgica.

DEPOSITOS AUCTORISADOS:

Em Portugal Pharmacia Liberal—*Avenida da Liberdade, 167; Lisboa.*

Pharmacia do Padrão — *Rua Formosa, 10, Porto*

Inglaterra e colonias Mr J. Wyman.

Export Druggist *58 e 59, Bunhill Row London, E. C*

O principio e seguimento das minhas regras mensaes foi sempre annunciado e acompanhado de perturbações que constituiam para mim um verdadeiro martyrio e muitas vezes perdia os sentidos.

Foi n'uma d'estas crises que o meu medico assistente, o ex.mo sr. dr. Arantes Pereira me prescreveu o Sedativo Beirão Anti-dysmenorrheico, cujo effeitos calmantes se não fizeram esperar.

Tenho repetido o uso d'este agradavel remedio, uma semana em cada mez, e noto com verdadeira surpreza que as regras apparecem agora regularmente e sem dores.

Nem nos remedios caseiros nem das pharmacias jámais consegui um allivio.

Porto, rua de S. Lazaro, 126, em 30 de novembro de 1905.—Escilia Aurelia Fernandes.

(Segue o reconhecimento do tabellião Antonio Borges d'Avellar).

Instructions pour l'usage en portugais, en espagnol, en français, en anglais, en italien, en allemand, en hollandais, en russe et en hebraïque.

Prix du flacon: huit francs. Franco pour tous les pays de l'Union postale contre mandat de poste adressé à Marciano Beirão. Avenida da Liberdade, 167—Lisbone.

LICOR VEGETAL

O melhor remedio e purificador de todas as molestias provenientes da impureza do sangue

PREÇO

1 frasco. 1$000 réis
7 frascos 6$000 réis

Para provincia PORTE GRATIS

Todos os pedidos devem ser feitos assim:

PHARMACIA BRAZILEIRA

15, L. de S. Domingos, 15-A

LISBOA

O melhor café é o d'A Brazileira

CASA ESPECIAL DE CAFÉ DO BRAZIL

A. Telles & C.ª

Rua Garrett, 120 (Chiado), LISBOA—Rua Sá da Bandeira, 71, PORTO

TELEPHONE N.º 1:438

Café especial de Minas Geraes (Brazil)

Este delicioso café, cujo aroma e paladar são agradabilissimos, é importado directamente das propriedades e engenhos de **Adriano Telles & C.ª, de Rio Branco, Estado de Minas Geraes** e não contem mistura de especie alguma. **Todo o comprador tem direito a tomar uma chavena de café gratuitamente.**

COMPANHIA DO

PAPEL DO PRADO

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaia e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã) Valle Maior (Albergaria a Velha)

Installadas para uma producção annual de cinco milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encommendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de fôrma.

ESCRIPTORIOS E DEPOSITOS

LISBOA — 270, Rua da Princeza, 276

PORTO — 49, Rua de Passos Manuel, 51

Endereços telegraphicos: LISBOA, COMPANHIA PRADO.

PORTO — PRADO — Lisboa: Numero telephonico 308.

NESTLÉ

NESTLÉ

FARINHA LACTEA

32 medalhas de ouro incluindo a conferida na Exposição Agricola de Lisboa

Preço 400 réis

NESTLÉ

Estado actual e definitivo da «Léda» de Ticiano, descoberta no Brazil pelo dr. Paes Barreto

A SENSACIONAL RESURREIÇÃO DE UMA OBRA DE ARTE
A «LÉDA» DE TICIANO

Recentemente ainda, toda a imprensa portugueza se fez echo de uma descoberta sensacional, a que o jornalismo francez dera uma retumbancia extraordinaria.

Tratava-se de um quadro de Ticiano, encarecido pelos criticos de arte como uma das summas maravilhas do mestre de Veneza e revelado ao mundo por um jurisconsulto brazileiro, o dr. Paes Barreto, orador e jornalista dos mais notaveis, cuja obra, ha poucos mezes publicada com o titulo «A Abolição e a Federação no Brazil» veiu pôr em relevo uma das personalidades mais sympathicas da moderna mentalidade brazileira e um dos propagandistas mais obstinados da abolição da escravatura e da implantação da republica.

Além de jurisconsulto eminente, o dr. Paes Barreto é um artista esclarecido, com o culto apaixonado pelas bellas artes. Na sua bibliotheca encontram-se

Dr. Paes Barreto
Jurisconsulto brazileiro, actual possuidor da «Léda» de Ticiano

exemplares raros das mais notaveis obras portuguezas, a par de collecções riquissimas de classicos, de manuscriptos, de illuminuras, de pergaminhos, de encadernações antigas. Na sua galeria do Pará brilham, como joias dignas de museus reaes, um Rubens, um Teniers, um Guido Reni.

Da familia intellectual dos nossos marquez da Foz, conde de Daupias, Fernando Palha, Ayres de Campos e João Arroyo, o illustre advogado brazileiro, cujo nome corre a estas horas a Europa artistica, está longe de ser uma excepção n'esse prospero Brazil tão ignorado por nós, na sua fervorosa paixão pela arte e no extremoso culto pela belleza.

Que um brazileiro, ainda que assim illustre, seja possuidor de uma tela de Ticiano, descoberta no Pará, e que haja revelado ao mundo esse thesouro com a devinatoria confiança de um conhecedor experimentado,

A «Léda» depois da primeira e imperfeita restauração

é o que póde surprehender os mil pequenos colleccionadores de faianças, contadores, louça da India e velhas gravuras, que em Portugal imaginam possuir nas suas casas outros tantos Clunys organisados com espolios de conventos e leilões de morgados da provincia.

Um Ticiano no Pará, que *blague!*—hão de exclamar, incredulos, os bric-á-braquistas da nossa terra. E entretanto, o seu sorriso terá que immobilisar-se ante a evidencia. A duvida não é mais possivel. A tela de Ticiano descoberta no Pará está hoje authenticada pelos directores dos museus de Italia, pelos criticos de arte Marc Legrand, Guilia Pretet, Ricciotto Canuto, Edouard Chautalat, Cesare Castelli, J. Albanés, Georges Serre, R. Smith, Etienne Kotlar, E. Mayer, e por artistas com o renome universal de Rodin. Exposta nos salões do *Journal*, em Paris, a assombrosa tela teve as honras de um acontecimento europeu. Diante d'ella desfilaram todas as summidades da critica e da arte. Diante do seu esplendor empallideceram os *quarenta* Ticianos do museu do Prado. Diante da sua radiosa belleza emmudeceram todas as duvidas dos chicanistas, dos incredulos e dos scepticos.

Mas como foi parar ao Brazil essa obra-prima da pintura? Que opulento fidalgo, governador de provincia ou de capitania a levou para lá? É ainda por agora um mysterio. O Brazil sumiu na sua devoradora immensidade grande parte do thesouro artistico de Portugal, durante os seculos XVII e XVIII. Do que D. João VI para lá acarretou na confusão da fuga ignominiosa e previdente, pouco regressou ao reino, se excluirmos a baixella de Germain, ainda hoje, na sua maioria, em posse da corôa. Com a familia real partiu a maior grandeza do reino. A esquadra abarrotava de preciosidades, postas a salvo do saque dos francezes. E se pensarmos que antes d'essa leva de nobres degredados, durante dois seculos a mais opulenta e poderosa fidalguia do reino se succedeu nos

Fac-simile de um desenho de Ticiano, descoberto pelo dr. Paes Barreto no museu de Cadoro, terra natal de Ticiano

O segundo aspecto da «Léda», no decurso das restaurações

governos fructuosos do Brazil, poder-se-ha avaliar o que de maravilhas de arte sahiram a barra do Tejo e atravessaram os mares.

Em these póde-se pois estabelecer que o famoso quadro de Ticiano foi levado ao Brazil por portuguezes. Narremos agora a historia da sua descoberta.

A «Venus de Florença», pelo Ticiano, das mesmas dimensões da «Léda» e pintada na mesma epoca, mezes depois do casamento do pintor cuja esposa serviu evidentemente de modelo a ambos os quadros

Foi em 1898 que, por um feliz acaso, o dr. Paes Barreto, pesquisando, com olhares de conhecedor, a loja de um *ferro-velho*, no Pará, estacou diante de uma tela negra, opaca, sujissima, na qual vagamente se distinguiam as fórmas de uma mulher nua deitada de flanco.

O desenho e a côr das carnes eram equivocas. Grandes nodoas amarellas manchavam a nudez da mulher, envolta n'uma nevoa espessa e bituminosa. Apenas a cabeça apparecia de entre a bruma, com uma tonalidade mais clara, que deixava entrever a pureza de um oval encantador, e uma fina mão, uma adoravel mão, de dedos delicados, de uma elegancia patricia, pousada com uma graça de nympha e providencialmente conservada, testemunhava o genio phenomenal que a creara.

Essa mão de deusa antiga, que parecia surgir de entre os sombrios fumos de Averno, foi, para o dr. Paes Barreto, uma luz reveladora.

Não que elle tivesse reconhecido por esse unico indicio a maravilha que acabava de descobrir. Mas aquella mão, aquella mão olympica, aquella mão sybillina, como que o hypnotisava. Debalde o seu olhar procurava desviar-se d'ella. Porque havia de ir parar a um *ferro-velho* do Pará uma obra-prima da pintura? E emquanto se debatia na duvida de um estranho erro visual, que lhe deixaria vêr como de belleza assombrosa uma tela talvez vulgar e sem

Cabeça do «Amor Profano», quadro dos mais celebres de Ticiano, pertencente á galeria Borghése

O terceiro aspecto da «Léda» no decurso das restaurações

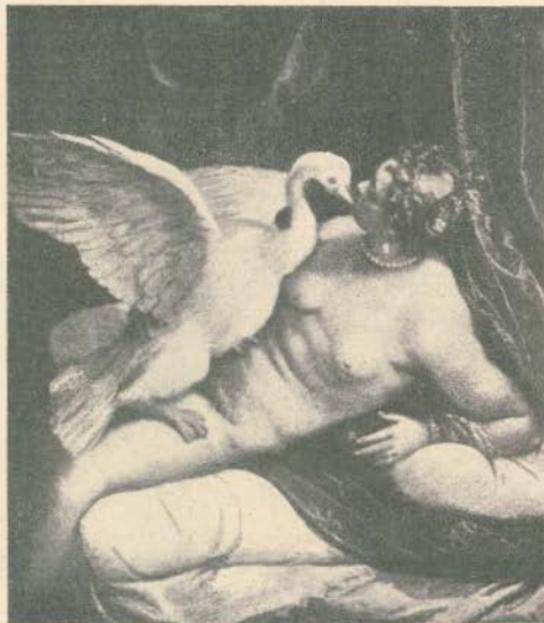
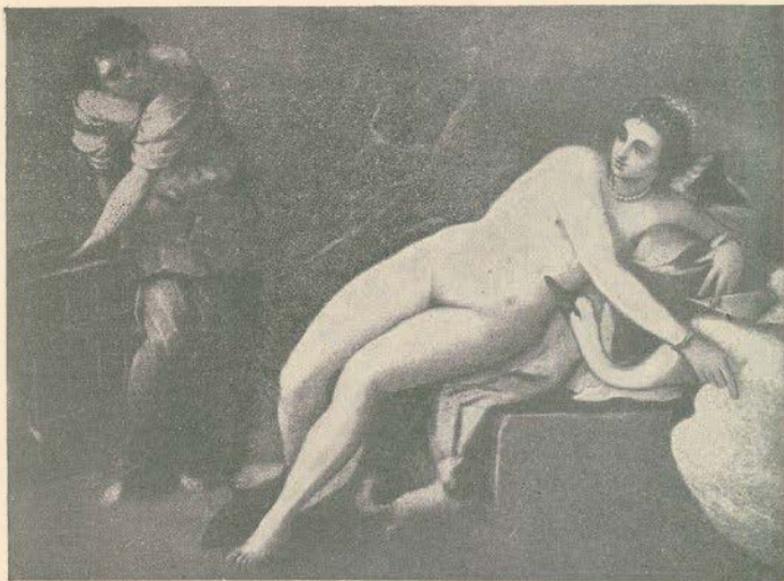
merito, foi-se enraizando no seu espirito o convencimento de que aquella mão deslumbrante só podia pertencer a uma d'essas sublimes bellezas creadas pela alma archaica das grandes civilisações desapparecidas e que os genios, nos quaes ella renasceu durante a nossa era, souberam fazer reviver em obras immortaes!

E, sem regatear, comprou o quadro, disposto a guardar, se outra cousa não existisse debaixo d'aquella bruma secular, a mão divina, a mão attrahente e deslumbrante, que parecia chamar, como uma naufraga, o salvador da sua dona occulta.

Quando, em casa, o dr. Paes Barreto poude contemplar minuciosamente a sua acquisição, comprehendeu o trabalho colossal e difficil que seria indispensavel emprehender para experimentar fazer resurgir do seu tumulo de tintas empastadas, de retoques e de sobreposições a obra formosissima de cuja existencia aquella mão astral parecia ser o indicio indubitavel.

Uma pintura geral e posterior occultava o céo, a torrente, as pedras e um terço do lado esquerdo da tela, de alto a baixo. As outras duas terças partes do quadro estavam empastadas, na parte superior, por uma camada de tinta de tom *bistre* e uniforme. Sobre este fundo execravel uma unica cousa era visivel: um tronco de arvore, cuja pesada *silhouette* descia do céo até aos joelhos da mulher. O corpo sublime de Léda mal se distinguia entre a bruma bituminosa em que estava envolto, bem como o cysne collocado no angulo direito do primeiro plano.

Este primeiro exame fez perder a coragem ao dr. Paes Barreto, que recuou deante do labor de titan que representava a limpeza da tela.

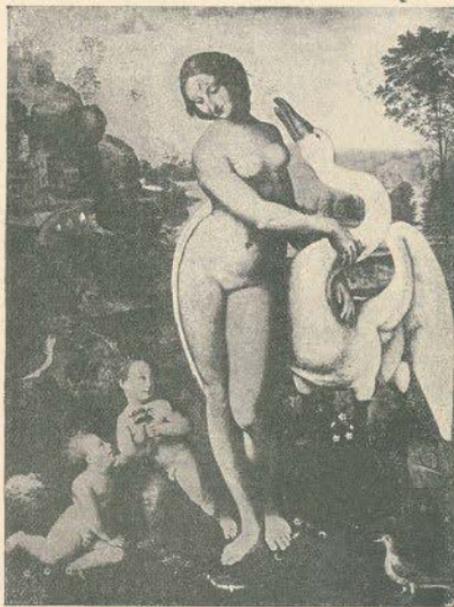
Foi só dois annos mais tarde que elle se decidiu a principiar essa tarefa, improvisando-se restaurador da sua obra. Tendo consultado os livros francezes e italianos que versam o assumpto escabroso e delicado da restauração de quadros, conseguiu, com um trabalho de cenobita, ao fim de quatro annos, limpar a tela prodigiosa e raspar algumas das mais salientes sobreposições ulteriores de tintas. Então, Léda e o cysne appareceram. O quadro começava a revelar a sua origem authentica, apesar das verdadeiras linhas do corpo estarem ainda obscurecidas, com os pés occultos por uma tapeçaria, accrescentada por um restaurador vandalico, cujos vestigios abundantes ma-

A «Léda» de Veronése

A «Léda» do Tintoreto—[*Galeria Uffizi, em Florença*]

culavam talvez irremediavelmente a pintura primitiva. Assim, da cabeça de Léda pendia uma abundante cabelleira negra, com que a enfeitára o barbaro corregedor de Ticiano.

Este primeiro aspecto corresponde á reproducção da 2.ª pagina.

Por esse tempo, o dr. Paes Barreto adquirira a certeza de que a tela era uma obra-prima, e attingira a vaga intuição de que, debaixo d'aquelles repregos, se occultava um Ticiano. Para fortalecer a sua suspeita, mandou vir da Europa toda uma bibliotheca de arte, desde Vasari a Paul Mantz, e perto de vinte mil gravuras escolhidas pelos catalogos de todos os museus do mundo. Depois d'isso, as ultimas duvidas dissiparamse. Era um Ticiano. Desde então a sua fé manteve-se inabalavel. A sua resolução em levar até aos limites do possivel a restauração do quadro data d'essa hora de evidencia. Não confiando mais nas suas proprias forças, confiou os trabalhos de restauração a

um artista portuguez residente no Pará, pintor de merito, discipulo de Alarcon e que aprendera a sua arte em Sevilha, restaurando grande numero de quadros antigos. Esse portuguez, que Portugal não conhece, e que conseguiu fazer-se no Brazil uma reputação apreciavel, chama-se Francisco da Silva e Estrada, e é, como o seu nome o indica, de origem hespanhola.

Quando Estrada viu o quadro de Léda ficou maravilhado. Durante tres mezes esse artista consciencioso trabalhou sem descanço para fazer reviver a obra original, depois de se certificar que ella era, de facto, devida ao pincel glorioso de Ticiano. Foi elle quem adivinhou que debaixo dos pannejamentos vermelhos se occultavam os pés da nympha, que os cabellos pretos eram um accrescento, que a paizagem primitiva differia totalmente da existente e que as proprias linhas do corpo estavam cobertas por uma camada ulterior de tinta. Não pudera, entretanto, constatar que existia na tela um outro cysne, differente do que ali se via

A «Léda» do Sodoma—[*Galeria Borghèse, em Roma*]

A «Léda» de Raphael (desenho)

depois de quatro annos de restauração paciente. Mas as numerosas camadas de verniz sobreposto em diversas epocas resistiam a todos os processos empregados pelo restaurador, que aconselhou o dr. Paes Barreto a mandar o quadro para Paris e confial-o a especialistas de fama universal.

Chegado a Paris, o quadro foi immediatamente submettido ao exame de peritos os mais auctorisados. Haro, que já declarára, á vista de uma photographia, que o desenho da cabeça era de Ticiano, declarou á vista da tela que ella se achava totalmente repintada. Lafenestre era de opinião que debaixo das tintas á vista não existia outra pintura. Robelin confirma porém a opinião de Haro. A famosa e mysteriosa tela provoca accesas polemicas. Todos estão porém de accordo que a pintura é da epoca de Ticiano. Então, telegraphicamente, o dr. Paes Barreto manda apresentar o quadro aos directores dos museus de Milão, Florença, Napoles, Roma e Veneza. Carolus-Duran, que tem occasião de vêl-o na academia franceza de Roma, assim como Cantalamessa, director da Academia de Bellas Artes de Veneza, reconhecem a existencia de camadas de tinta posteriores á pintura primitiva e confirmam que a tela e a pintura são venezianas e da epoca de Ticiano.

De regresso a Paris o quadro é confiado a François Touret, restaurador dos museus de França. Ao fim de um anno de laboriosos esforços, os cabellos negros desapparecem para dar logar a uma cabeça de cabellos castanhos, de uma semelhança flagrante com a do *Amor Profano*. Ambos os pés surgem debaixo do reprego vermelho. As linhas do corpo, traçadas primitivamente pelo mestre, apparecem, ondulosas e puras. Finalmente todo o corpo, com a sua carnação pallida de camelia, volta a vêr a luz depois de dois seculos de eclipse. E atacando com acidos o reflexo vermelho da agua, Touret descobre um segundo cysne, o verdadeiro, de azas abertas, precipitando-se, abrazado de desejos, para a nympha divina, n'uma cubiça ardente.

Exposto nos salões do *Journal*, o grande diario parisiense, o maravilhoso quadro chamou as attenções de toda a Europa. A incomparavel obra prima podia já ser admirada em todo o seu esplendor. A deliciosa symphonia de vibrações luminosas que do corpo elyseo se desprendiam retinha impressionados e pensativos todos os que estavam na sua presença. Era uma visão suave de colorido, de linhas, de contrastes suaves de luz e sombra. Era a Léda divinamente bella, creada pela concepção genial do Ticiano, modelada nas fórmas admiraveis da esposa do pintor — o seu modelo predilecto — e collocada entre a natureza exuberante de Cadoro, o seu paiz natal.

A «Léda» de Miguel Angelo — (*Museu Civico de Veneza*)

Esperando poder em breve annunciar aos seus leitores, com todas as garantias de authenticidade, a existencia, em Portugal, de um quadro de Raphael, a *Illustração Portugueza* felicita hoje no dr. Paes Barreto a grande nação amiga pela gloria de possuir um thesouro de arte, que todos os museus da Europa disputariam ámanhã ao Brazil, se vissem possibilidade em adquiril-o.

AS MODAS D'ESTE INVERNO

Modelo da casa Dailly, destinado especialmente á ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Vestido de baile em setim liberty azul pallido guarnecido de rendas brancas e corpo formando *fichu*

[CLICHÉ FELIX]

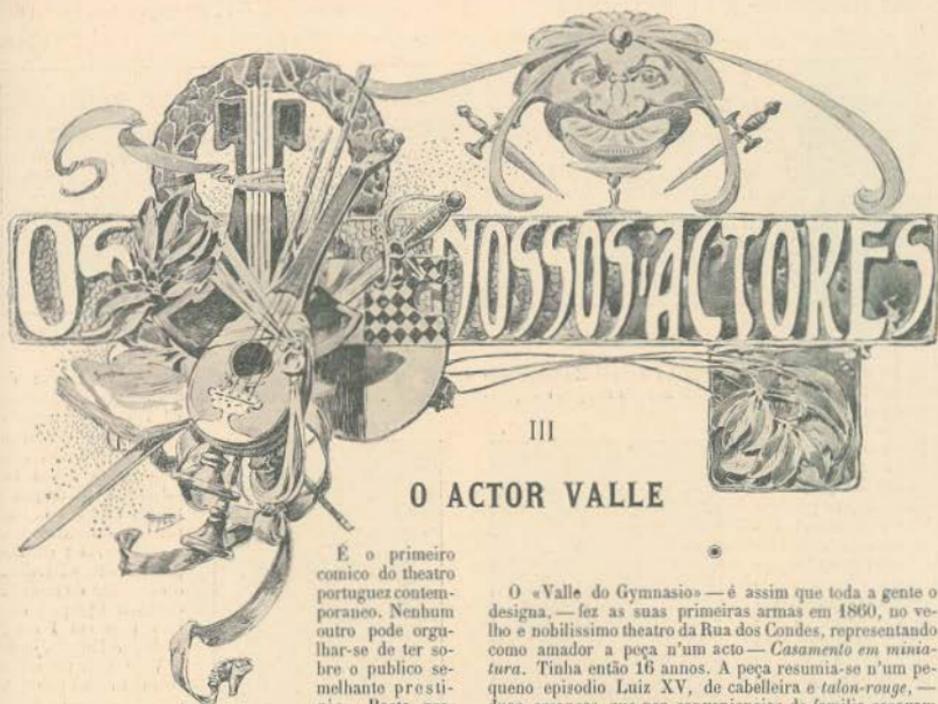
AS MODAS D'ESTE INVERNO

Modelo da casa Ramillon, destinado especialmente á ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Jaqueta em pelle de lontra com botões de phantasia

[CLICHÉ FELIX]

OS NOSSOS ACTORES

III

O ACTOR VALLE

É o primeiro comico do theatro portuguez contemporaneo. Nenhum outro pode orgulhar-se de ter sobre o publico semelhante prestigio. Basta pronunciar-lhe o nome: toda a gente se ri. É a materialisação da graça dominadora e implacavel. Pela figura, pelo gesto, pela mascara, dir-se-hia a creação d'um caricaturista de genio. O seu talento revestiu o valor indiscutivel d'um dogma. É sem contestação um dos primeiros actores comicos do seu tempo. Se exceptuarmos o nome de Taborda, nome d'oiro que não soffre approximações nem confrontos, nenhum outro levantou mais alto o prestigio da Farça portugueza. Podem egualal-o em pittoresco, em espontaneidade, em hilaridade: ninguem o excede em poder de physionomia, em plasticidade de expressão. É um actor unico no seu genero. Não ha, mesmo lá fóra, nada que se lhe compare. Exemplar admiravel de sobriedade dentro da mais hilariante graça, é a confirmação viva da velha phrase ingleza: «para representar bem comedia, é preciso ser-se mais actor do que para representar bem tragedia». O seu triumpho é a exaltação do actor comico. Vendo-o, ouvindo-o, auscultando o seu poder sobre a multidão, comprehende-se melhor o valor social da Farça: «*Il n'y aura jamais de civilisation là où la comédie n'est pas possible*», — diz George Meredith no seu *Essai sur la Comédie*. Luiz XIV, presentindo-o, preferia á tragedia grega a comedia-buffa italiana, e ao cothurno dourado de Corneille as pantalonas de velludo de Scaramouche. A alma do theatro foi sempre o riso. O talento comico de José Antonio do Valle é ainda hoje a mais solida garantia de que o verdadeiro theatro não morreu entre nós. Merece, sem duvida, que nos demoremos um pouco a fazer a historia do seu triumpho.

O ultimo retrato de Valle

O «Valle do Gymnasio» — é assim que toda a gente o designa, — fez as suas primeiras armas em 1860, no velho e nobilissimo theatro da Rua dos Condes, representando como amador a peça n'um acto — *Casamento em miniatura*. Tinha então 16 annos. A peça resumia-se n'um pequeno episodio Luiz XV, de cabelleira e *talon-rouge*, — duas creanças que por conveniencias de familia casavam aos 10 annos e eram em seguida separadas apesar do seu amor precoce. O noivo em miniatura era o Valle; a noiva era a pequenina Barbara, irmã da actriz Emilia dos Anjos. Durante os ensaios a preoccupação do petiz não foi positivamente a peça: foi o espadim. Ralhou, teve birras, chorou porque queria um espadim authentico do seculo XVIII, um espadim de punho dourado, que ao arrancar-se heroicamente da bainha na situação mais dramatica da peça faiscasse e floreasse nos ares. Quando lhe arranjaram o espadim teve uma alegria enorme, andava por casa com elle, sonhava com elle. Chegou a noite da representação e, com o medo de ter perdido a voz, de estar rouco, de se esquecer do papel, não se lembrou de mais nada, vestiu-se á pressa, caracterisou-se á pressa, pôz a cabelleira, ensaiou o andar sobre o salto vermelho dos sapatos, tossiu, perguntou pela milesima vez a toda a gente se a sua voz se ouvia bem, — e quando tocou a campainha para começar, desceu a escada do palco, entrou em scena com a maior *sans-façon* do mundo, chegou á situação violenta, deitou a mão ao punho do seu riquissimo espadim dourado, e — ó desolação! — tinha-se esquecido d'elle no camarim! Calcule-se a situação para o pequenino actor. Mas a surpreza foi absoluta. Quando os mais experimentados esmoreceriam e perderiam a força moral, elle conservou-se placido, tranquillo, encarou o fidalgo contra o qual havia de cahir bravamente de florete em punho, e disse-lhe, face a face, com a cara mais comica que poude arranjar:

— O que lhe vale a você é eu não ter trazido o espadim! Senão furava-o!

E a peça continuou, como se nada fôsse. Esse petiz

O actor Valle no monologo de Luiz d'Araujo «O Chapéo»

inexperiente de 16 annos vencera uma difficuldade que talvez fizesse succumbir muitos actores antigos e experimentados.

D'ahi a tres annos (1863) o illustre actor fazia a sua estreia profissional no theatro do Gymnasio, na peça em 1 acto de Aristides Abranches — *Nem todo o matto é ouregãos*. Era o periodo florescente, o periodo brilhante do velho Gymnasio. N'esse pequenino theatro, uma verdadeira caixa de amendoas, estavam Braz Martins, Taborda, o Marques, Anna Cardoso, Emilia Candida, Florinda, a Letroublon. O ensaiador era o Romão, um velho rato de theatro, muito conhecedor dos segredos da scena, escriptor nas horas vagas. Ao Valle eram ordinariamente distribuidos os creados, — pequenos *bouts-de-role* a que o illustre artista dava sempre um feitio imprevisto, inteiramente original. Chegaram a chamar-lhe, tal era a sua persistencia n'esses papeis, — o «creado do Gymnasio». Com os seus 19 annos infantis e turbulentos, os seus olhos muito vivos, a sua expressão hilariante, Valle era um verdadeiro Lazarillo agarotado e ruidoso. Bastava-lhe a cara, o gesto, — e ainda antes de falar já tinha conquistado a platéa. O seu triumpho em todos os papeis começava sempre antes da primeira phrase. O publico estava habituado á mascara admiravel, infinitamente movel, soberbamente expressiva do grande Taborda, o mais querido dos actores portuguezes de todos os tempos: pois, ainda assim, o Valle fazia-o rir. Era uma oitava acima na caricatura e no desplante. Os auctores deram por elle, notaram-no, e começaram a dar-lhe papeis. Romão Martins, o ensaiador do theatro, escreveu logo para elle uma peça em 1 acto, *Gato por Homem*, onde o Valle fazia um velho com dez annos de costa d'Africa. Mas os creados voltaram, e dentro em pouco o illustre actor tinha a sua primeira ovação no *Thomaz*, o creado lorpa do *Diabo atraz da porta*. Começa d'ahi verdadeiramente a sua celebridade. Havia na peça a leitura d'uma carta cheia d'asneiras que fez epoca em 1863, no tempo ingenuo das botinas de duraque e da saia de balão: pois Valle lia-a tão bem, que uma bella noite o Rosa Pae, assistindo ao espectaculo, não poude furtar-se á tentação de subir á scena e de lhe dar um abraço. Para esses tempos, em que não havia ainda a ausencia de respeito que caracterisa a epoca actual, semelhante demonstração vinda d'um mestre como o grande Pae Rosa significava uma alta honra e uma consagração definitiva. Depois d'isso, o illustre artista podia considerar-se lançado.

Houve ainda uma circumstancia que veiu apressar o seu triumpho: foi a amizade e a protecção paternal de Taborda.

«Foi vêr a Gran-Duqueza» Scena comica (1878)

«Naufragar em terra firme» Comedia em 3 actos (1878)

Valle no «Mestre Jeronymo» (1866)

Valle no «Gato por Homem», original de Romão Antonio Martins (1867)

O actor Valle no monologo de Luiz d'Araujo «O chapéo»

Uma noite estava o Valle sósinho no *foyer* do theatro, durante a representação de certa peça, afinando a caracterisação e fazendo caretas diante do grande espelho da parede. O Taborda entra, dá-lhe vontade de rir o rapaz, approxima-se d'elle, pelas costas, pé ante pé, para lhe falar: n'isto o Valle vê surgir no espelho a face risonha do grande mestre, volta-se muito depressa, fica atrapalhadissimo, tira o chapéu, balbucia umas palavras, e não se descreve a alegria d'elle quando Taborda lhe diz, sempre a olhal-o e a rir:

—Não lhe bula mais! A cara está magnifica! Está muito boa!

D'ahi por diante Taborda foi o melhor amigo de Valle e um dos seus maiores admiradores. Adivinhou-lhe o talento e sentiu irresistivelmente pelo rapaz a sympathia instinctiva que o mestre sente pelo discipulo quando reconhece n'elle o germen das suas proprias qualidades. Na arte, nos processos, na sobriedade, na graça espontanea e nativa, na propria mascara excessivamente movel e eminentemente theatral, na comprehensão que ambos tiveram da idéa comica e onde ha um pouco do placido *houmour* inglez, Valle póde considerar-se um filho de Taborda, o seu legitimo continuador, o seu unico discipulo. Houve tempo em que ambos chegaram a parecer-se tão extraordinariamente um com o outro, que houve quem suppozesse, com a maior seriedade, que o Valle era filho do Taborda. Um dia, em Cascaes, o proprio rei D. Luiz I, pondo amigavelmente a mão sobre o hombro do glorioso actor, perguntou-lhe com o ar mais convencido do mundo:

—Ó Taborda! Dize lá com franqueza: o Valle é teu filho, não é?

E como depois alguem contasse esta scena á mãe de José Antonio do Valle, justificando o equivoco pela parecença que havia entre elle e o Taborda, a virtuosa senhora irritou-se toda, ficou muito offendida e commentou:

—Parecido? Ora essa! Que idéa! O meu filho é muito mais bonito!

Bonito, o Valle! O santa illusão do amor materno! Se elle fosse bonito podia lá ser o grande actor que é! Se elle fosse bonito, podia lá ter sido o grande conquistador que foi!

Mas não se julgue que, porque Taborda o protegeu, porque o amparou nos seus primeiros passos, porque o ensinou inclusivamente a caracterisar-se, o Valle se limitou nos inicios da sua carreira a perseguir como discipulo os processos artisticos do mestre. Não. O illustre artista revelou, desde o primeiro dia em que pintou a cara, a mais soberba e insolente originalidade. A razão do seu grande prestigio estava nos seus recursos physicos, na sua face admiravel de expressão comica, na ca-

«O Manel Corisco» Cançoneta (1876)

«Um Alho» Scena comica (1875)

Valle no «Diabo atraz da porta» (1867)

Valle na «Pera de Satanaz» (Rio de Janeiro, 1871)

ra que Deus lhe déra,—e isso não se copia nem se imita de ninguem. Valle pertence ao numero dos «*artistas que nascem*» e não ao dos «*artistas que se fazem*». Herdou de Taborda a naturalidade, a sobriedade, a linha geral do seu processo: mas conservou-se tão aggressivamente original e tão eminentemente caracteristico, que constituiu desde logo um «typo» na Lisboa mundana de 1868,—a pittoresca Lisboa da calça de ganga e do mérinaque, das suissas á Flavio e dos colletes de botões de oiro. É positivamente d'esta data que deve marcar-se o inicio da popularidade do illustre actor. Já o apontavam na rua, já se riam quando elle passava, já sabiam que aquelle era o Valle, que tinha uma graça infinita, que o Taborda o apontava como o seu continuador. Para isso contribuiu sem duvida o grande exito obtido no monologo de Augusto Garraio, *Vou casar*, e na farça *O mestre Jeronymo* (1868), em que o Valle fazia um aprendiz de pedreiro com tanta naturalidade e tanta graça, que o publico marcava sempre com uma ovação certa entrada em que o pequeno trolha se dirigia ao mestre, de andar gingado e cigarro ao canto da bocca:

«Esperteza de rato», farça n'um acto, original de Rangel de Lima [Gymnasio, 1868]

«Vou casar», monologo de Augusto Garraio [1864]

—«Manda perguntar o sôr Thiago quando a obra *acabará-se!*»

Era evidentemente uma semsaboria ingenua, das muitas que fizeram em 1860 as delicias das burguezas de mantelete de setim e calcinhas de renda até ao artelho, mas o Valle revestia essas semsaborias d'uma graça tão original e tão viva, que não havia maneira de desagradarem as peças mais imbecis em que elle entrasse. Outra creação que o popularisou muito, e que data pouco mais ou menos da mesma época, foi a do monologo *Um Alho*, depois repetido no Brazil, em 1878, com um successo colossal. Francisco Palha, assistindo um dia, n'um camarote do Gymnasio, a essas duas corôas do moço actor, ficou tão enthusiasmado que desceu immediatamente ao palco a propôr-lhe escriptura para a Trindade,—o moderno theatro que ia dentro em pouco abrir as suas portas. Valle não acceitou. Tinha ali os seus amigos, tinha ali o seu publico, tinha ali o seu querido Taborda,—tinha ali, sobretudo e acima de tudo, a primeira mulher que conseguira abalar o seu forte e generoso coração de rapaz. Essa mulher, ou antes, essa encantadora rapariguita de pouco mais de 15 annos, travessa e linda—a verdadeira *beauté do diable*—que assim prendera n'um idyllio castissimo o primeiro comico contemporaneo, era filha d'um dos actores mais conceituados da casa e começava tambem ao tempo a fazer pequeninos papeis d'uma graciosidade e d'uma leveza d'aguarella. O futuro sorria-lhe; esperava-a o halo d'oiro dos grandes triumphos; o destino sagrara-a para a tornar dentro em breve, pelo impulso d'outro grande homem e d'outro grande artista, uma das primeiras actrizes portuguezas.

Adivinham decerto quem era: era Lucinda Simões.

—Foi a primeira e a maior paixão da minha vida!—diz ainda hoje o illustre actor, recordando esse namoro de creanças que surgira uma bella noite d'entre os tangões e as bambolinas do Gymnasio, como uma grande perola de ingenuidade e de sentimento. Sim, minhas senhoras, o Valle amou, o Valle soffreu, o Valle, apezar d'aquella cara hilariante e d'aquelles olhos admiraveis que riem, elles sós, mais do que todo o resto da cara, tem a ternura de uma pomba e o coração de um poeta. O Valle amou,—e o que é mais, foi amado. Ainda estão por estudar as razões do indiscutivel prestigio dos homens feios sobre as mulheres bonitas. Mas o que é certo é que esse prestigio é absoluto e attinge frequentes vezes os limites perigosos da paixão. Os actores comicos, sobretudo, tiveram sempre sobre as mulheres um ascendente notavel. Desde o gordo Montfleury do tempo de Molière, a quem um rival espadachim escreveu:—«*si les coups de baton s'envoyaient par écrit vous liriez cette lettre des épaules*», até ao nosso grande comico Cesar de Lima, que certa noite raptou, sobre um burro, de corôa doirada e manto, uma *Ignez de Castro* d'um theatro de amadores,—todos os actores de comedia, e especialmente os baixos comicos, tiveram uma vida aventurosa e uma lista de *bonnes fortunes* que deixaria a perder de vista a mocidade brilhante dos mais celebres homens bonitos. O Valle não podia ser uma excepção: pelo contrario,—foi a confirmação da regra. Lucinda amou-o, trocaram-se rosas seccas, cartas apaixonadas, segredos eternos, o rapaz andava doido, perdido, queria casar, raptal-a, fugir,—mas o pae da pequena, o fallecido actor Simões, oppoz-se ao casamento, derramou sobre o ardor d'aquella paixão um copo d'agua fria, fez affirmações ruidosas de poder paterno que Lucinda sentiu sobre a sua face fresca e rosada, o namoro acabou, e o Valle, cheio de tristeza, gostando d'ella cada vez mais, julgando os seus 25 annos despedaçados para sempre, resolveu fugir áquella paixão devastadora,

«Sua Excellencia» comedia de Gervasio Lobato

libertar-se, partir para o Brazil. Quizeram demovel-o os collegas, os amigos, a mãe: não houve meio. Resolveu-se então dedicar-lhe no Gymnasio um espectaculo sensacional de despedida. Representou-se a *Botina Verde*, original de Teixeira de Vasconcellos. A certa altura todos tinham lagrimas nos olhos. Valle era estimadissimo, os velhos actores da casa queriam-lhe como a um filho, custava-lhes vêl-o partir,—de mais a mais só, isolado, á ventura. Mas não havia remedio. Na ma-

nhã de 27 de maio de 1870, Valle embarcava para o Rio de Janeiro. A essa mesma hora, emquanto o paquete sahia a barra, na velha Lisboa que o moço actor via afastar-se, envolta na nevoa d'oiro do sol, morria outro grande mestre da scena portugueza: o actor Tasso. Taborda, que viera de acompanhar o Valle e recebera no caminho a infeliz noticia, commentava, enxugando os olhos:

—Perdi hoje dois grandes amigos... Um morreu, outro embarcou para o Brazil... Dia aziago!

N'este tempo, embarcar para o Brazil ainda era alguma coisa de muito parecido com a morte.

Valle na «Madrinha de Charley»

Quatorze longos mezes esteve José Antonio do Valle no Rio de Janeiro, fazendo farça, comedia, drama, inclusivamente tragedia. O Valle a fazer tragedia devia ser de fazer chorar as pedras! Andou por varias companhias, com varias fortunas, furou, luctou, agradou muito, fez desde logo um grande nome d'actor comico, — mas as saudades do seu querido Portugal podiam mais com elle do que os exitos do Brazil. Um bello dia, embarcou, a caminho de Lisboa, cheio de fé, de confiança no seu talento e nos amigos que deixára no theatro da sua terra. Iam decerto recebel-o em triumpho, disputar-lhe a peso d'oiro a escriptura, glorifical-o, beijal-o d'enthusiasmo. A bordo, Eduardo Garrido, que o acompanhava, escrevera-lhe a scena comica *Aldighieri Junior*, que devia ser uma das suas corôas. Tudo indicava que a recepção em Lisboa seria brilhante: a sua ausencia, o seu nome, os seus triumphos no Brazil, o seu talento amadurecido e radioso, a propria novidade do monologo do Garrido, então um dos nomes dourados da geração nova. Pura illusão: Valle chegou a Lisboa e todos os theatros lhe fecharam as portas. Em 14 mezes, tinham-se esquecido d'elle. Não só não lhe offereceram escriptura, mas guerrearam-no e hostilisaram-no. Viva e fundamente magoado, o grande actor tornou a partir para o Brazil, — mas d'esta vez como emprezario, levando comsigo a Anna Cardoso, o Silva Pereira, o Silveira. A Margarida loira, que tinha assignado escriptura para o acompanhar, roeu-lhe a corda á ultima hora e deixou-o em serios embaraços: o Valle ainda conserva, como documento interessante, o contracto assignado por essa linda mulher, que havia de ser, d'ahi a alguns annos, a creadora da *Pérola* de Marcellino Mesquita. Chegado ao Brazil, esperava-o uma dura provação para o seu coração de apaixonado e de sentimental: Lucinda Simões, que partira com outra companhia para a America, casava, no Rio de Janeiro, com o actor portuguez Furtado Coelho. Mas o exito que então alcançou no Brazil compensou-o bem de todos os desastres de coração. Voltou a representar de tudo, desde as farças de cordel até ao *Paralytico*,—a corôa de Antonio Pedro, —desde as comedias Luiz XV, que eram moda no tempo, até aos dramalhões de faca e alguidar que faziam as delicias do portuguez pé de boi de torna viagem. O Taborda foi ter com elle ao Brazil e representou no theatro do Valle, como seu escripturado. Os amigos iam chegando. Bordallo Pinheiro, esse genio tumultuario e revolto, com um barrete phrygio ao alto da cabeça e um diamante na ponta do seu carvão sumptuoso, Daumier de braço dado com a Republica, apparecera no Rio deslumbrando com o seu espirito e com a sua arte, com a sua rebellião e com as suas polainas. Portugal exportára para o Brazil, com o genio do seu primeiro caricaturista e com o prestigio do seu primeiro comico, tudo o que produzira de mais nobre e de mais fidalgamente insolente a velha e tradicional graça portugueza.

—Fizemos uma vida admiravel! — diz ainda hoje o illustre actor, recordando os bellos tempos d'então.

Mas essa bella vida durou apenas dezoito mezes. Lisboa acenava-lhe de longe. Como de resto succede a quasi todos os grandes artistas, Valle padecia do mal da impermanencia e do delirio da liberdade. Partiu de novo para Portugal, o Gymnasio abriu-lhe as portas, representou ahi durante cinco mezes, exhibiu a sua phase de *dandy*, as suas bellas casacas, os seus fraques colleantes, os seus casacões de golla de lontra — moda suprema dos invernos do tempo, — recordou vinte vezes a primeira casaca que vestira, comprada por 6 tostões em segunda mão ao irmão do actor Soller, — e ambicionando agora minas d'ouro para o seu maravilhoso luxo de *gandin* e para as suas frequentissimas viagens a Cythéra, embarcou de novo

«Receita dos Lacedemonios»

Valle na «Madrinha de Charley»

«Receita dos Lacedemonios»

para o Brazil, em 1878. Foi esta ultima *tournée* a dos seus maiores triumphos na America. Ficaram celebres então as creações do *Manel Corisco*, uma admiravel scena comica, do ginja da peça em 3 actos *Naufragar em terra firme*, do palonso da cançoneta *Fui vêr a Gran Duqueza*, do *Alho*, que já fizera epoca em Lisboa, e de muitas outras comedias, monologos, cançonetas e scenas comicas que tornaram o Valle o verdadeiro idolo das platéas brazileiras, sobretudo da platéa do theatro de S. Pedro d'Alcantara onde mais representou. Demorou-se no Rio cinco annos, — e veiu de lá, adorando o Brazil, abrigar-se de novo sob a aza branca da sua velha Lisboa. Recebeu-o o theatro do Gymnasio, onde Valle fizera as suas primeiras armas. A atmosphera litteraria já era outra. Déra-se uma evolução. Ia começar o luminoso periodo de 13 annos em que a graça esfusiante do Gervasio e o talento inimitavel do Valle se uniram gloriosamente para o renascimento da verdadeira farça e da verdadeira comedia burgueza em Portugal.

Ainda se não fez a historia d'esse periodo decisivo para a vida do theatro entre nós. A' influencia de Gervasio ainda não foi dado o verdadeiro valor. Mas ha de sel-o, e muito em breve. O comediographo do *Commissario de policia*, do *Em boa hora o diga*, das *Noivas do Enéas*, das *Medicas*, de tantas obras primas de graça e de subtileza que fazem d'elle o nosso Molière, ha de ser considerado como um dos mais assombrosos temperamentos de dramaturgo que deu entre nós o theatro contemporaneo. Para todos os grandes auctores existe um grande actor: o interprete de Gervasio, ás vezes o seu collaborador e o seu conselheiro, foi José Antonio do Valle. Foi elle que realisou todas as grandes creações gervasianas. Poucos temperamentos se teem ajustado melhor, do que os d'estes dois homens que tão semelhantemente tiveram o sentimento do comico. Esse periodo, aberto com uma traducção de Carlos Borges, *A receita dos Lacedemonios*, é o verdadeiro periodo de oiro da comedia em Portugal. Que variedade infinita de creações, desde a *Madrinha de Charley* até ao *Zé Palonso*, representado com a Theodorini em S. Carlos, desde *A senhora ministra*, de Schwalbach, outro grande comediographo, até ao typo admiravel de *Sua Ex.ª*, onde se diria que o Valle se excedeu a si proprio!

«O Commissario de Policia»

Mas esses 13 annos passaram como um sôpro, o illustre actor sahiu do Gymnasio, e Schwalbach, na Rua dos Condes, iniciou para elle a série brilhantissima das suas revistas do anno, onde a observação mordaz e a arte subtil se deram as mãos para realisar as tres ou quatro obras primas do genero entre nós. Depois, tentada a resurreição historica do *Poeta de Xabregas*, o curiosissimo frade marianno que percorria Lisboa, de relicario nas mãos e sorriso nos labios, caricatura soberba da devoção fradesca do seculo XVIII em Portugal, — o grande comico, saudoso do theatro que lhe fôra por assim dizer o berço, regressou ao Gymnasio, ainda como emprezario, sempre como emprezario, rodeado dos «seus meninos» que são os seus actores, e continuando, ao lado de Joaquim d'Almeida, as tradições honradas d'essa pequenina caixa d'amendoas que o genio de Taborda engrandeceu e que o *maillot* côr de rosa da Letroublon sagrou para refugio da alegria, do *vaudeville* e da esturdia...

Valle no «José Palonso» 1 acto original de D. João da Camara, Lopes de Mendonça e Gervasio Lobato, representado n'uma recita de caridade no theatro da Rua dos Condes com a Theodorini, Taborda, João Rosa, Valle, Augusto de Mello, Amelia da Silveira, Jesuina, etc.

E o Valle, recordando hoje, depois de quarenta e tantos annos de vida de theatro, a sua estreia intemerata na *Rua dos Condes*, como amador, de cabelleira empoada e tacões Luiz XV, diz-nos, com a sua habitual expressão d'um irresistivel comico, onde passa ás vezes a nuvem de melancolia tão vulgar nas creaturas que vivem, como disse Molière, «*de la besogne de faire rire les honnêtes gens*»:

— Como eu d'antes achava facil representar e como me parece difficil agora!

A TERRA DE MAIS LINDAS MULHERES DE PORTUGAL

2.º CONCURSO PHOTOGRAPHICO ABERTO NA **ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA** DE 2 DE JUNHO

Tendo terminado no dia 2 do corrente mez o praso d'este concurso, a decisão do jury, constituido pelos illustres artistas e escriptores srs. Columbano Bordallo Pinheiro, professor da Escola de Bellas Artes de Lisboa, Antonio Teixeira Lopes, professor da Escola de Bellas Artes do Porto, Abel Botelho, Julio Dantas, José de Figueiredo e Cunha e Costa, será publicada no no proximo numero, correspondente a 19 do corrente.

Todos os dias recebo um bilhete postal illustrado e todos os dias tenho a impressão do que aquelle para mim tão caro faz por esse mundo. Vigiada constantemente, como uma princeza por um dragão—o monstro aqui é minha madrasta—tenho buscado um meio de estar só com os meus pensamentos. Só esses pequenos bilhetes com os seus monumentos, as suas paizagens, os seus retratos de celebridades, com os seus pombos que se beijam, as suas creancinhas loiras e d'olhos puros, com as suas cidades cheias de casaria, me dizem que elle se deteve diante de uma estatua, que afogou o seu olhar n'uma campina vasta onde os malmequeres se desabotoam em oiro ou n'uma floresta onde as arvores se alteiam tristes, desfolhadas, outomniças, ou que o seu pensamento foi hoje para o romancista que liamos e amavamos, ou que o seu amor tem a candura das azas d'essas aves que unem os bicos, ainda que sonha com um pequenito entre nós todo de ternura ou que se perde nas ruas vastas d'essas cidades que eu amo porque elle por lá anda a cruzar as suas avenidas.

Guilherme II, imperador da Allemanha
(De uma collecção de bilhetes postaes editada em Paris pela revista «La Rire»

E' assim que eu sei quanto elle faz e quanto pensa, se está triste ou alegre, se parou n'uma villa, se mudou para outra, se vae pelo mar ou se emfim está doente conforme me envia um poente ou uma aurora, um recanto aldeão ou um pedaço de ruella com a sua egreja alta, um vapor a pennachar fumo n'um rio sem uma prega ou uma melancolica enfermeira de touca branca junto ao leito d'um mancebo pallido e d'olhos amortecidos onde julgo vêr as sombras da saudade.

Todos os dias, logo que recebo esse bilhete postal sem uma palavra mas com o seu symbolo, o meu coração ou se dilata de prazer ou se confrange desesperado, conforme, na volta rapida que lhe dou, avisto as côres garridas ou as côres sombrias, os assumptos alegres ou as notas tristonhas. Minha madrasta então só tem duas phrases para elles:

—Ai que lindo! ou então: Mas que gosto que teve hoje a tua amiguinha!...

Sim, porque ella imagina ser a Jenny, que foi a Inglaterra, quem me envia estes queridos cartões. Mal imagina—o meu dragão—que estes bilhetes postaes são os mais lindos e os mais discretos pagens d'amor d'estes tempos em que o amor é pratico e brutal como uma carta fechada, que faz sempre suspeitar maldades bem occultas no sigilloso sobrescripto.

Então, lembrando-me d'esta forma por que recebo as on-

Alguns bilhetes postaes da famosa serie dos reis, assignada pelo grande caricaturista portuguez Leal da Camara

«O aspirante de marinha»
Bilhete postal de Celso Herminio (edição Rocha)

ticias d'elle, abençôo do intimo do coração que lhe pertence a grave Allemanha que os inventou talvez com esse fim, que começou a exploral-os n'uma necessidade commercial — que abençôo tambem— pois assim terra por terra, logar por logar, canto por canto, elle me póde ir dizendo o que faz e o que pensa só em traçar o meu nome e a minha morada.

Oh! douta Allemanha, não podes esquecer que tiveste Werther, que nos teus castellos da Silesia se amou muito á antiga e que rejuvenesceste para a paixão o dr. Fausto!...

Dizem-me tambem que em Portugal se gasta já perto d'um milhão de bilhetes d'este genero, feitos com as nossas ruas, as nossas praças, com os retratos dos nossos homens celebres, com os recantos pittorescos das nossas aldeolas, com os costumes graciosos das nossas provincias, com as ruinas das nossas torres seculares, das nossas egrejas vetustissimas, dos nossos solares onde tantas coisas bellas se passaram.

Tenho recebido alguns e lembro-me que não gostei de certa mulher do Minho coberta d'oiro e envergada de vermelho, com as tranças soltas e as chinellas na ponta do pé, que parecia olhar-me trocista na sua belleza farta, a mim que sou breve e tenho mais espirito do que carnes, como de resto convém a uma senhora afeita a leituras e a devaneios.

Sei tambem que em Portugal os bilhetes que teem mais procura são exactamente esses em que ha mulheres, exemplares de belleza de todos os paizes, mas principalmente as hespanholas, actrizes e cantoras, creaturas de theatro com os seus sorrisos finos, um tudo nada perfidos e que ninguem me convence não sejam estudados. Algumas despidas na malha fina que as modela deitam-se em pelliças, outras teem aves nos hombros e estrellas nas cabeças, ha muitas que teem attitudes peccadoras—ao que imagino—e outras que se deixam alvejar com settas por amores que são creanças meias nuas e de cabelleiras frisadas.

E são estes os que os homens preferem?! São estes os que elles compram de cigarro na bocca e escolhem attentos nos balcões das tabacarias, são estes os que lhes ferem os olhos e os obrigam a parar diante dos mostruarios quando tantos outros os podiam tentar. E' a eterna furia d'amar...

«O policia»
Bilhete postal de Celso Herminio (edição Rocha)

«Fialho d'Almeida»
Bilhete postal de Celso Herminio (edição Rocha)

Assim, vendendo estes retratos estranhos de mulheres ganha-se dinheiro e isso me faz desculpar os que os vendem; mas penso que ellas tambem alugam a physionomia por um tempo para irem correr mundo com os seus nomes gravados, como orgulhosas da sua falta de pudor ao mostrarem-se assim. Mas para fazer isso é necessario ser bella e a belleza realmente nunca se deve esconder.

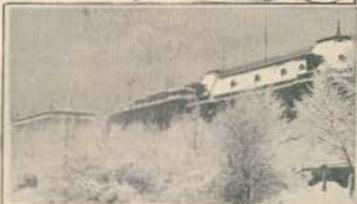
Elle nunca se atreveria a mandar-me um bilhete d'estes, dos quaes os mais caros são de quinhentos e seiscentos réis, e ainda me ha de ouvir por causa da mulher do Minho, d'ar insolente e que me picou de ciumes! Antes me envie—eu que não estou para risos, mais o desejava—alguns d'esses bilhetes postaes allemães comicos, extranhamente caricatos, que são os de maior venda abaixo dos retratos femininos.

O allemão tem o riso solido, meio franco, um riso que mais nenhum povo tem; uma gargalhada jovial que mette muito de infantil e se quebra no fim como receoso do desaire de assim mostrar os dentes.

Nós apenas sorrimos diante da infantilidade d'esses bilhetes; elles, positivamente, riem. E que endiabrada phantasia. Agora uma orchestra de macacos, logo uma escola de cães com o seu mestre de ar grave ensuissado á Bismarck, d'ali a

Bilhete postal hespanhol da celebre serie dos toureiros, do caricaturista Verdugo

[B]ilhete postal hespanhol da celebre serie dos toureiros, do caricaturista Verdugo

VOLTAIRE
Petersburgo 17.XI.05
é copia de um dos muitos quadros que tem
appareci[do] ultimamente
Sem palavras vão
sendo politica
Stockholm
Coruña 1 de Julho de 1905.

pouço uma creança cahida n'um rio manso a fazer caretas no gelado da agua, depois uma velha a tocar pandeiro.

E isto mesmo em Portugal ainda é preferivel ás nossas lindas paizagens, mas tudo porque no estrangeiro se aperfeiçôa muito mais a arte de fabricar todas estas coisas lindas e patuscas, graves e futeis.

«A Inglaterra e os seus alliados» (Portugal e Japão)
Bilhete postal francez

Por causa d'elle, d'esse a quem muito quero, fiz-me colleccionadora. Guardo no meu album as suas impressões como n'um diario querido d'amor. E faço tudo isto não por julgar que algum dia a collecção póde estar completa, porque hoje já ha vinte milhões de typos de bilhetes e sempre se criam mais, mas como recordação grata d'este tempo que passo a vêr o que elle pensa.

Agora uma nova invenção veiu deliciar-me. O meu pagem d'amor, esse bilhete postal que vem de longes terras, que me foi enviado de todas as partes do paiz, porque em quasi todas as cidades já se imprimem ou d'ellas mandam photographias para se fabricarem os bilhetes nos grandes centros, o meu querido mensageiro de novas já não é apenas uma coisa impressionista. Começa a ser mais vivo. Vivo, dirão?! Sim, porque começa a trazer aos meus ouvidos até a voz d'aquelle que estremeço.

Um bilhete postal hespanhol (Julia Fons)

Um bilhete postal da serie de costumes portuguezes, editado pela photographia Biel

Figura de um bilhete postal japonez

Tive hoje um prazer enorme em ouvil-o, aqui, no meu quarto de rapariga, todo de moveis brancos e claros cortinados e de tal maneira o senti amoroso que de olhar-me no espelho estava ruborisada.

Era um lindo bilhete postal em que um casal de namorados á beira-mar, sentados sobre as rochas, de mãos dadas, seguiam embevecidos os vôos das gaivotas emquanto o sol se perdia n'um fundo d'ouro novo.

Olhava-o quando o meu dragão me trouxe um embrulho muito sellado, com grandes manchas de lacre e que parecia uma machina. Abri e vi uma especie do phonographo; dentro um pequeno livrinho estava cheio d'instrucções e eu á medida que ia lendo toda me agitava.

—O que é isso?! perguntou minha madrasta cheia de curiosidade.

—Que era uma machina para bordar.. volvi, e emquanto o meu dragão revolvia os parafusos, puz-me a reprimir a minha impaciencia.

Logo que a vi sahir, fechei bem as portas, colloquei o bilhete postal sobre o prato do apparelho como o livrinho indicava.

Possuia o *Phonopostal*, o apparelho que phonographa as vozes nos bilhetes postaes pelo mais simples dos processos e que, depois, sendo enviados atravez o mundo e entrando n'outra machina do mesmo genero, nos transmittem as palavras queridas, trechos d'operas, pedaços de dialogos, ruidos de festas em aldeias distantes, noticias, tudo que podemos escutar embevecidos.

D'aquella vez, ao fazer girar o apparelho, ouvi claramente a voz d'elle a dizer-me como se realmente estivessemos á beira-mar, por uma tarde linda, vendo as gaivotas adejando:

«Queria viver sempre assim.»

Outro bilhete postal trazia os mesmos noivos que se beijavam e volteando no apparelho dizia:

—«Mas melhor seria assim.»

Foi então que, olhando-me no espelho, me vi mais ruborisada.

Bilhete postal (rarissimo), emittido em Paris no centenario da execução de Luiz XVI

Os bilhetes postaes comicos allemães

Ao meu espirito chegou mais do que nunca a certeza de que o bilhete postal illustrado, se demais o gravarmos no *Phonopostal*, é não só o mais lindo mas tambem o mais seguro pagem d'amor, sobretudo se duas pessoas que muito se queiram tiverem especiaes apparelhos, gravados de forma que sejam como uma grade de cifras mysteriosas, ao que chegaremos em breve, estou segura.

*

E assim, divagando diante dos meus bilhetes postaes que enfileiro sobre a banca, sigo todas as evoluções d'esses rectangulos de papel onde a arte humana melhor ou peor affirma o seu poder.

Tenho-os primeiro simplesmente impressos, trechos de praça e costumes provincianos que marcam o começo d'esse affecto, ainda indeciso, ainda timido, depois já coloridos em manchas esverdinhadas que dizem ser do arvoredo e em laivos vermelhos a que chamam telhados de casaria, e esses affirmam como eu já o seguia com interesse, veem então os finamente esmaltados, luzentes e de desenhos finos, os quadros de mestre e as creanças louras, a Fornarina e as commungantes, como a dizer-me que me acha bella como a amada de Raphael—o grande—e simples como essas pequenitas de veus brancos que esvoaçam: depois são as paizagens rubras e os mares tempestuosos, o seu desespero e o seu agitado coração e finalmente uma serie variada de cidades e de campos, de castellos e de macacos a tocar harpa que resumem a sua passagem por todos esses logares e o dia em que acordou gracejador.

E tudo isso é uma fortuna que se faz mover no mundo, de industrias novas que se criam, d'obreiros que se habilitam, de machinas que se inventam, de gente que se emprega, de dinheiro que se põe em giro, pois só em Portugal, ainda antes do *Phonopostal* que apenas agora se vae usar, subia esse negocio a perto de cincoenta contos annuaes.

E tudo isto se por um lado consola o meu coração de noiva, por outro dá-me a certeza que os cantinhos mais pittorescos da nossa terra, as mais bellas ruas das nossas cidades, os mais singulares aspectos da nossa vida, os rostos das nossas camponezas vão dizer aos estrangeiros que temos tambem bellos logares e formosos rostos e que emfim, áquem dos Pyrineus, não vivem negros como alguns julgam.

A photographia no bilhete postal

Todo o meu consolo se vae diante d'um bilhete que recebi. Deu-se o que nunca pensei se pudesse dar. Recebi hoje um bilhete em que peguei a tremer. Era uma mulher, a eterna mulher que eu receava, bella como nenhuma outra, de rosto tão puro que nunca acreditaria na sua má conducta. Os rostos mentem. E' certo que o diabo tambem foi um bello anjo. Mas esta mulher desesperou-me. Li o seu nome e vi os seus modos. Cléo de Merode com ares de pudica! E já se venderam dois milhões de exemplares dos seus retratos!

Elle pregou ali o seu olhar... Que dirá no *Phonopostal!* Que desculpa arranjará?!

Como sou louca!... O bilhete girou e a voz muito amada que eu esperava disse:

—Dizem-na a mais bella das mulheres mas esse logar é o que tu occupas para mim!...—e logo d'uma maneira rouca, apagada, como se não fosse dito para o bilhete, ouvi: A Cléo vae envelhecendo... Só nos bilhetes postaes é sempre bella...

Tive então pena de que os meus pagens d'amor algumas vezes fossem mentirosos e pensei que antes me tivesse elle mandado um retrato d'algum grande homem que para demais são sempre feios!... Porque não o fez?...

E' o que espero me diga brevemente—quando humanisar o meu dragão com o seu pedido de casamento—mas de viva voz, porque embora o postal seja um discreto pagem eu começo a desejar junto de mim o meu noivo immensamente falador! ..

B. DE M.

O phonopostal: apparelho para imprimir bilhetes postaes phonographicos

A sala de jantar rustica do Ramalhão, pintada certamente pelo mesmo artista que pintou as salas semelhantes dos palacios de Santo Amaro, de Seteaes e de Devisme, em Bemfica

BECKFORD EM CINTRA

II

BECKFORD E MONSERRATE

(CONTINUAÇÃO DOS N.os 36 E 37)

Para um artista das lettras como o auctor da *Historia do Califa Vatheck*, da qual lord Byron diz tanto bem, o critico das *Memorias de pintores extraordinarios*, obra d'espirito e de saber que ainda hoje se lê com deleite e proveito, o aventuroso narrador da *Italia e esboços de Hespanha e Portugal* e das *Recordações de uma excursão a Alcobaça e á Batalha*, para William Beckford, emfim, não é crivel que tendo creado Monserrate com arte, amor e grandeza, tendo n'elle observado quadros vivos de alacre ou pittoresco ou romantico sabor, muito mais valiosos do que os do Ramalhão, nunca lhe consagrasse descripções ou sequer notas rapidas, elle que descreveu e annotou tudo quanto visitou, viu e ouviu em Portugal.

A rainha D. Carlota Joaquina (de um retrato a oleo existente no Ramalhão

Pômos, portanto, em duvida a obra e a residencia de William Beckford em Monserrate, dando o seu a seu dono: as casas e jardim foram do bom gosto, provado em Bemfica, de Gerardo Devisme, porventura acabando o parque o tal procurador, socio e sub-arrendatario a quem se refere o documento que ahi deixamos.

Quanto ás festas, ou deu-as *o outro* Beckford em Monserrate aos consules e negociantes estrangeiros que passavam o verão em Cintra, e não eram poucos segundo se deprehende das cartas do seu homonymo illustre, ou a tradição as confunde, por causa de egualdade dos nomes, com as que offereceu William no Ramalhão.

Ficaria assim prejudicada na sua parte

O salão immenso do palacio do Ramalhão, do qual Beckford dizia: «Reina no meu salão asiatico uma agradavel variedade. Das minhas cortinas metade não deixam passar a luz — ostentam as mais opulentas dobras; as outras são transparentes e derramam uma suave claridade sobre a esteira e os sophás. Grandes e polidos espelhos multiplicam esta profusão de cortinados.» — (Estado actual)

historica a celebrada invocação de Byron a W. Beckford nas estancias XXII e XXIII do canto I da *Peregrinação de Childe Herold*:

. . . .

There thou too, Vathek! England's wealthiest son,
Once foomed thy Paradise, as not aware
When wanton Wealth her mightiest deeds hath done,
Meek peace voluptuous lures was ever wont to shun.

Here didst thou dwell, here schemes of pleasure plan,
Beneath yon mountain's ever beautous brow:
But now, as if a thing unblest by Man,
Thy fairy dwelling is as lone as thou!
Here giant weeds a passage scarce allow
To halls deserted, portals goping wide:
Freshlessons to the thinking bosom, how
Vain are the pleasaunces on earth supplied;
Swept into wrecks anon by Time's ungentle tide!

Fôsse, porém, como fôsse, o palacio do qual damos varias reproducções, com a passagem das bemfeitorias para afilhados menores pouco ricos, principiou de arruinar-se antes mesmo de acabar o arrendamento. Finalmente o desleixo no reino dos procuradores da familia proprietaria, cujos representantes se demoravam na India, pois só regressaram ao reino em 1855, a baixa esphera dos arrendatarios que se succederam em Monserrate, tão sómente com intuitos de exploração agricola, deram em terra com o edificio.

A mais antiga escriptura de arrendamento de Monserrate, que se encontra entre os documentos já citados, depois da referente á de Devisme, é a de Pedro de Oliveira, que teve aquella propriedade de 1818 a 1823 por 500$000 réis annuaes. A renda decresce com a ruina do predio: de 1826 a 1830 tomou-a João Rodrigues por 400$000 réis; finalmente este mesmo rendeiro passa a pagar apenas 300$000 réis de 1836 a 1839.

Isto é, Monserrate, com a derrocada do palacio de Devisme, veiu a valer menos ainda que antes da construcção do predio: de outubro de 1775 a fins de setembro de 1784, Francisco Gomes da Costa pagava de renda 350$000 réis.

As nossas duvidas sobre a estada de William Beckford em Monserrate ahi ficam com o documento que as originou, a fim dos rebuscadores de velharias terem ao seu alcance a *pedra d'escandalo* lançada por mim á serenidade da toalha d'agua da Tradição, onde se dessedentam os doutos investigadores de cousas antigas d'este antigo reino, e que encrespará, por momentos só, talvez, a superficie imperturbada e augusta.

A CORTE DE BECKFORD NO RAMALHÃO

O Ramalhão de Street d'Arriaga, de William Beckford, de D. Carlota Joaquina, de D. Carlos de Hespanha e da sr.ª condessa de Valmôr — Como Beckford ali passou o verão de 1787 — Um magnifico presente de Arriaga á ardente esposa de el-rei D. João VI — Um padrão de 16 contos de réis lançando fogo a um «poncho» — A opulencia dos Arriagas — Ramalhão officina litteraria — A proclamação de D. Carlos proscripto e as cartas de Beckford fugido — D'estes dois principes o mais interessante é o inglez — A orchestra de sua magestade a rainha é a de Beckford

No Ramalhão é que não ha duvida alguma que Beckford residiu, ornamentando as salas a seu gosto e enriquecendo-lhe os jardins com plantas trazidas e dispostas pelo seu jardineiro inglez. De lá escreveu todas as suas cartas, datando-as. Aqui não ha lenda; ha facto positivo.

W. Beckford parece ter vindo recommendado ao marquez de Marialva D. Pedro, e a Miguel ou José Street de Arriaga Brun da Silveira, dono do Ramalhão, que lh'o emprestou para passar o verão n'esse anno de 1787.

Elle mesmo o diz como referimos no começo d'este escripto.

Esse Street de Arriaga, depois da partida de Beckford, sabendo que a princeza do Brazil, D. Carlota Joaquina, desejava o Ramalhão, deu-lh'o, segundo me informa um seu actual parente, o sr. Julio Mardel, mas a altiva filha de Carlos IV de Hespanha não quiz acceital-o como presente e enviou ao amigo de Beckford um padrão de juro real de 16:000$000 réis, que elle queimou diante de varios amigos. Com esse titulo em chammas lançou fogo a um magnifico poncho da mais fina «Andaya» do Pico.

Foi então a propriedade incorporada na *Casa das Rainhas* extincta em 1833, sendo arrematada em praça publica por José Isidoro Guedes, primeiro visconde de Valmôr, a cuja familia ainda hoje pertence.

Do mesmo primitivo dono do Ramalhão era, em Collares, a quinta do Penedo, hoje do sr. conselheiro João Arroyo, tambem chamada de Arriaga porque tinha sido de D. Marianna Joaquina Apolonia de Vilhena Pereira Coutinho, vulgo a *Arriaga*, pelo seu casamento com Miguel d'Arriaga Brun da Silveira.

E mais tarde tambem foram d'estes Arriagas, por compras mais recentes, a quinta do Anjinho em Ranhollas, hoje do sr. Abreu, e a propriedade da Serra que, depois de ter sido de José Isidoro Vianna com o nome de matta do Vianninha, foi pelos seus herdeiros vendida ao actual possuidor, sr. conde de Valle Flôr.

Parece que interessantes e curiosos episodios á margem da historia contemporanea de Portugal se passaram no Ramalhão, conduzidos com ardencia por sua alteza e sua magestade a senhora D. Carlota Joaquina. Tambem por ali se demorou, com sua augusta mãe, sua alteza o senhor infante D. Miguel, iniciando porventura n'aquella vivenda a sua carreira de fadista cruel e pandego grosseiro, rei de Portugal em horas de desgraça e terror.

Foi no Ramalhão ainda que, em 1832, esteve D. Carlos, pretendente á corôa de Hespanha, e de lá saiu a sua proclamação protesto contra a subida ao throno de D. Izabel II.

Mas, a despeito da sua origem principesca, esta prosa exportada do Ramalhão pelo cavalheiroso e romantico proscripto certamente se não pode egualar nem comparar em interesse litterario, artistico e mesmo historico á prosa que de lá expediu nas suas cartas o anterior inquilino William Beckford, principe tambem pelo dinheiro, pelo bom gosto e pela graça que dispendia generosamente.

A entrada nobre para o Ramalhão e o arco sobre a estrada que conduz de Cintra a Lisboa

Dá-nos elle a primeira impressão da vivenda que habita logo na primeira carta em que se occupa de Cintra.

«Os aposentos são todos espaçosos e arejados, e é illimitada a vista que d'elles se disfructa sobre as terras aridas e o mar, mas a não ser que o calor augmente, hei de sentir lá mais frio do que desejo, porque não teem outro fogão senão o da cosinha. Achei muito bem tratado o jardim, e floridos os canteiros de plantas entre renques de laranjeiras e limoeiros. A força de vegetação d'aquelle clima é tal que as *gardenias*, jasmins e outras plantas do Cabo de Boa Esperança, que trouxera commigo de Inglaterra em estaca, estão cobertas de bellas flôres. As malvas-rosas e algumas variedades de milho indiano (deve ser canna indica) semeadas pelo meu jardineiro inglez, tinham attingido uma altura extraordinaria, e já principiavam a formar ensombradas avenidas e formosos bosques onde as creanças poderiam jogar perfeitamente.»

Em largos aposentos que elle vae decorar, entre flôres e plantas raras, ali se tratou a si e tratou seus convidados como principe mais authentico do que os que o seguiram, ali teve um estado

A fachada do palacio do Ramalhão (lado dos jardins, para onde davam os salões orientaes de Beckford)

de casa comportando musicos de fama e cosinha preciosa, cavallariças bem povoadas e numerosa criadagem; ali dispensou graças e dinheiro, d'ali sahiu uma funesta intriga politica; ali jantaram e merendaram grandes vultos da nobreza e do clero.

E' de vida de rei indiano o que elle nos conta como tendo-se passado no Ramalhão no dia 29 de agosto de 1787:

«Esteve hoje um calor ardentissimo e eu desperdicei toda a manhã no meu pavilhão, cercado de fidalgos cobertos de floreados roupões e de musicos em trajos côr de violeta, com grandes chapeus de palha, como uns bonzos ou talapoins, e tão ociosos, indifferentes e requeimados do sol, como os habitantes de Ormuz ou de Bengala. A minha sociedade e a minha sala tinham assim a mais pronunciada apparencia oriental—o divan, que se eleva poucas polegadas acima do sobrado, a grade doirada das janellas, e os transparentes jorros d'agua, que em baixo repuxam, alimentados continuamente pelas nascentes da rocha viva. Reina no meu salão asiatico uma agradavel variedade. Das minhas cortinas metade não deixam passar a luz e ostentam as mais opulentas dobras; as outras são transparentes e derramam uma suave claridade sobre a esteira e os sophás. Grandes e polidos espelhos multiplicam esta profusão de cortinados, e alguns dos meus hospedes pareciam não se cançarem de correr todos os cantos, para disfructarem a vista dos differentes grupos de objectos, reflectidos por todos os lados nas mais inesperadas direcções, e imaginavam-se talvez admittidos a espreitar um labyrintho de salões encantados.»

Um velho padre italiano só podia comparar aquelle deslumbramento ao palacio annexo ao convento das freiras de Odivellas, onde deliciosos dias passou El-Rei D. João V com formosas companheiras de devoção.

E a qualquer hora a que inesperadamente se chegasse ao palacio do inglez, ora serviço de chá, ora delicadas e abundantes collações de dôces e fructas geladas esperavam os visitantes conforme a hora a que appareciam.

Depois de uma visita á feira de Penha Longa, que elle descreve orgiaca e grosseira como uma kermesse de Van Ostade, lá vão tomar chá com elle, ao pôr do sol, D. Pedro, filho do marquez de Marialva, e os sobrinhos d'este, herdeiros da casa de Tancos.

Depois do alegre enterro da innocente velha ingleza peccadora a que alludimos, lá foram merendar ao Ramalhão, com o heretico protestante, os monsenhores Mascarenhas e Accioli, heroes do dia, e alguns fidalgos. No dia seguinte lá esteve a jantar com outros amigos o conde de S. Lourenço, e todos, tomado o café, se estenderam «o mais commodamente que puderam, uns na esteira, outros nos sophás, supponho que para reponsarem os espiritos depois da pia tarefa e da devota procissão da vespera...»

A essa tentação, pouco explicavel, de se deitarem na esteira da sala grande do Ramalhão nem escapa o dono da casa que, de volta d'uma agitada visita a Mafra, se recolhe a casa a gosar em socego algumas horas de descanço.

«O aspecto do meu vasto salão, o seu ar de clausura e o seu silencio parecem restituir ao meu espirito uma momentanea tranquillidade. A polida esteira que cobria o chão, e que era da mais fina e lustrosa palha, tinha, á luz das velas, uma côr deliciosa, suave e harmoniosa e pareceu-me tão fresca e macia que me estendi sobre ella.»

A musica n'esta noite não o convidava á melancolia, como na manhã em que esteve horas e horas no seu renovado pavilhão, sem ler uma palavra, nem escrever uma linha, nem conversar com pessoa alguma, absorvido nas harmonias do instrumento de vento que tocava a distancia n'um laranjal, e lhe despertavam na alma um longo cortejo de lugubres recordações, provavelmente da sua Margarida tão cedo morta.

De resto, parece que apezar d'esse effeito triste da musica no espirito de Beckford, ella abundava no Ramalhão, pois o Marialva, usando e abusando talvez das suas prerogativas de camareiro-mór e valido da rainha, repartira com o seu britannico amigo a orchestra da capella de Sua Magestade, tão admiravel que nem a do Papa se lhe avantajava e onde havia «um rancho de mimosos cantores, tão gordos como as codornizes, tão gorgeadores e melodiosos como os rouxinoes. Os violinos e os violoncellos de Sua Magestade são todos de primeira ordem, e em flautas e oboés a sua *ménagerie* musical não tem rival».

Pois era essa lyrica bemaventurança aquella de que gosou principescamente o nosso homem sempre que quiz, na pessoa d'«os melhores executantes d'esta orchestra admiravel», que acompanhava a côrte para toda a parte.

A côrte que cercava Beckford no Ramalhão — O estado do sua casa — A mesa sempre posta — As esteiras do Ramalhão — O alarde de opulencia e o afan de obsequiar para alcançar o perdão d'um crime — As fingidas saudades de Margarida e a abalada de Portugal — Beckford discipulo do conde de Chatam — Beckford deputado — Beckford fala melhor do que Pitt — O seu regresso a este reino — A mais que preblematica aventura com a filha bastarda do Marialva — Beckford Barba Azul — Uma ferida d'amor que faz viver optimamente 84 annos — Beckford velhinho morre pensando na encantadora Cintra da sua mocidade

E uma authentica, verdadeira côrte escoltava tambem o nosso William n'este seu paço do Ramalhão, que elle renovou—e aqui póde estar outro motivo de confusão com a lenda da reconstrucção de Monserrate—, côrte avida dos bons jantares, dos deliciosos prostes, da excellente musica, e da illustre companhia que se encontrava lá, sem inquirir do motivo, não diremos ignominioso, mas em todo o caso desagradavel, que o trouxera até nós, fugido das responsabilidades d'um processo crime, cuja natureza ignoramos, mas de certa gravidade, certamente, pois que foi necessaria a intervenção da nossa rainha para que o rei d'Inglaterra lhe perdoasse e lhe permittisse. portanto, o regresso á patria.

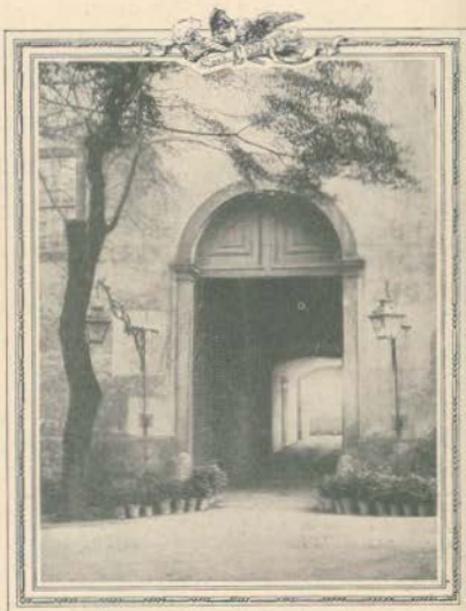
A distracção das saudades da sua Margarida era porventura a encadernação capciosamente sentimental d'esse muito positivo motivo de sua fuga para aqui. E tanto que, cessado elle, Beckford, esquecendo-se da ausencia eterna da morta esposa, que pelo tom de suas cartas parece não lhe ter pesado muito na alma, abalou de Portugal.

Talvez não fosse estranho á obtenção do perdão o fausto da sua vida entre nós, a permanencia em Cintra nos mezes da permanencia da rainha, approximando-o, introduzindo-o na côrte, e os serviços de delação que prestou ao governo reaccionario e estupido de então, ao mesmo tempo que ao seu governo de quem implorava mercê.

E' esta outra hypothese a formular para explicar o acto de espionagem que atraz deixámos exposto e porventura mais em harmonia com a grande fortuna de que era possuidor, avaliada em cento e dez mil libras de rendimento annual, afóra um milhão em dinheiro que encontrou na legitima paterna.

Pode-se dizer que Beckford deixando o Ramalhão deixou Portugal. Em fins de outubro ainda ali estava, em 1 de dezembro entrava em Badajoz e dentro de pouco tempo esse discipulo do conde de Chatham, que fôra grande amigo de seu pae, o Lord mayor Beckford, voltava a Inglaterra entrando na politica activa. Foi varias vezes representante de Hindon no parlamento, onde excedeu em felicidade e elocução o filho do seu mestre, o grande Pitt.

Beckford voltou a Portugal alguns annos mais tarde. O que fez aqui e onde residiu durante a segunda permanencia, são coisas que se ignoram. Elle não o escreveu, e ninguem que saibamos o apontou. A sua passagem então por Cintra, em Monserrate, precisa documentar-se para ser crivel.

Positiva é tão sómente a sua jornada á Batalha e a Alcobaça e só este facto, documentado por um livro d'elle, authentica a outra visita ao nosso reino, que a lenda romantisada por Luiz Rebello

O grande portão do palacio do Ramalhão, que conduz ás salas

da Silva, no tomo «Lagrimas e thesouros», faz originar mais que problematicamente nas saudades amorosas d'uma filha bastarda do marquez de Marialva, com quem o inglez, qual outro Barba Azul, viuvo duas vezes, pretendia casar, o que não conseguiu, em razão da differença de religião e de casta social. Despeitado, Beckford de vez nos abandonou então.

Esta ferida de amor não foi tão funda que impedisse a continuação da sua vida até aos 84 annos em tão bom estado de saude physica e moral que leu até á morte, constantemente, sem auxilio d'oculos, com seus pequenos e penetrantes olhos pardos.

De estatura mediana, bem formado, mais magro que gordo, falador, de voz agradavel, pondo a mão sardenta sobre os beiços quando acabava de falar, vestindo quasi sempre calção e sobrecasaca verde com botões de panno, collete ás riscas, botas altas côr de castanha, apaixonado por livros raros e antigos, preferindo-lhes a companhia á dos homens e das mulheres, assim era elle aos 80 annos tão solerte como aos 60, mostrando apenas na face signaes de velhice.

E n'estas bellas disposições de corpo e d'alma morreu William Beckford, em Bath, no anno de 1844, pensando talvez nos deliciosos mezes que por volta dos trinta annos—a deliciosa edade!—passára em Cintra, esse glorioso paraizo do sul!

D. Luiz de Castro.

Entrada principal da Exposição de Sua Magestade El-Rei, vista do recinto circular do Aquarium

EL-REI D. CARLOS NA EXPOSIÇÃO DE MILÃO

A SUA EXPOSIÇÃO OCEANOGRAPHICA — SÃO-LHE CONFERIDOS 3 «GRAND-PRIX», UM DIPLOMA DE BENEMERITO E UMA MEDALHA DE OURO

Na Exposição Internacional de Milão, uma das secções mais interessantes, de mais intensa curiosidade pelo seu valor e pela documentação que representava foi, sem contestação, na sala nobre do Aquarium, esplendido edificio que a commissão da Exposição offereceu á industriosa e bella cidade italiana, a *Exposição oceanographica* de Sua Magestade El-Rei D. Carlos.

Já que Portugal se não fez representar officialmente n'aquelle grandioso e bello certamen, Sua Magestade, accedendo ao convite que lhe fôra feito, representou e nobilitou, pelo brilho da sua exposição, o paiz a cujos destinos preside.

Um rei póde ser tambem um grande artista, e d'alguns dos seus antepassados recebeu o sr. D. Carlos a herança d'um accentuado espirito de arte.

O rei de Portugal, além d'um grande artista, é tambem um homem de sciencia.

Vista interior da sala principal

Reconhecem-no os mais auctorisados sabios naturalistas.

As suas descobertas oceanographicas, a que com meticuloso cuidado se entrega em algumas epochas do anno a bordo do *yacht D. Amelia*, crearam-lhe com justiça e com direito uma reputação de naturalista de primeira ordem.

Como o principe de Monaco, D. Carlos tem a suggestão do mar.

Aquelle immenso imperio das aguas, cheio de reconditos segredos, o oceano azul e quasi infinito dá-lhe talvez ao espirito a idéa da pequenez do seu reino, como pedaço do globo, mas grande como o oceano nas suas descobertas, nas conquistas do progresso e da liberdade.

E, assim, longe dos homens, longe das intrigas e das *cotteries* da côrte, o rei D. Carlos satisfaz o seu espirito sondando o fundo do mar, a costa do seu paiz, no interesse e com o affinco de homem de sciencia,

A collecção de peixes montados—No fundo as photographias dos côches reaes

sem se lembrar da sua qualidade de rei e de governante.

N'este intuito, com estas aspirações, D. Carlos de Bragança tem prestado á sciencia relevantes e importantissimos serviços.

Não só trouxe para a sciencia o conhecimento da existencia de exemplares novos, alguns de sua propria classificação, como estabeleceu principios que mais tarde teem de ser adoptados no estudo da fauna costeira portugueza, uma das mais ricas do oceano que banha este nosso bello e delicioso paiz.

Nos seus trabalhos de exploração oceanographica tem sido El-Rei D. Carlos coadjuvado pelo illustre naturalista sr. Alberto Girard, a quem encarregou da organisação da sua exposição em Milão, e que tão brilhantemente se desempenhou d'essa alta missão de confiança, encontrando tambem um valioso auxiliar no seu adjunto, sr. Eduardo Warburg, homem intelligente e d'uma competencia especial n'estes assumptos, ao mesmo tempo que um amigo e admirador do nosso paiz.

Collecção de peixes—Um dos armarios com a fauna portugueza e um fac-simile do Atlas de Vaz Dourado

A exposição d'El-Rei comprehende, além da parte especial — que são as suas descobertas oceanographicas — uma secção de transportes maritimos e fluviaes, transportes por terra, e uma secção agricola.

A parte mais interessante, porém, a que chamou a attenção de todos os sabios mundiaes foi a exposição oceanographica installada

no edificio e no salão nobre do Aquarium: a collecção de exemplares da fauna costeira de Portugal e fauna maritima.

A opinião geral é que aquillo era uma verdadeira maravilha.

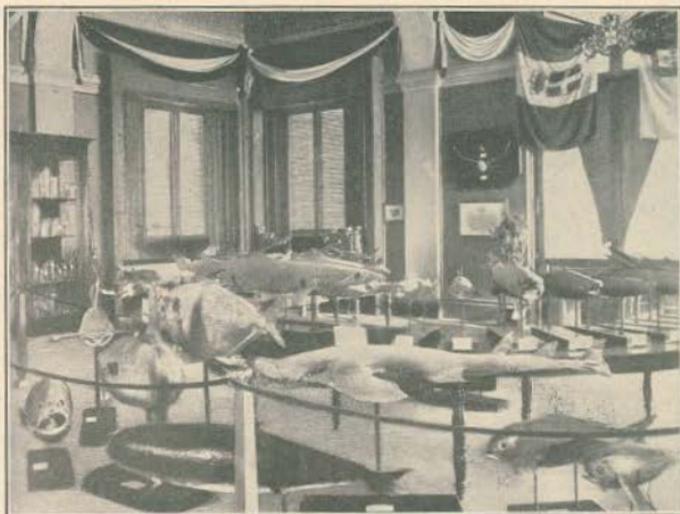
A collecção da fauna maritima portugueza acha-se dividida em fauna costeira, fauna abyssal, fauna pelagica, fauna bathypelagica, e fauna pelagobathyca.

Um aspecto da sala

A fauna costeira é a que é sedentaria ou regular nas aguas que cobrem o planalto continental d'um paiz, em media até á profundidade de 200 metros.

A abyssal é a que, vivendo permanentemente abaixo d'este limite, só por accidente apparece na zona costeira. A pelagica é a que vive na grande massa superficial do oceano, é accidental e ás vezes regularmente afflue ás costas de um paiz. A bathypelagica é aquella que, embora com caracter pelagico, nunca remonta d'uma zona profunda do oceano, onde vive. A pelagobathyca é um termo de que El-Rei se tem servido nas suas investigações para caracterisar um grupo curiosissimo de animaes, que, embora com o caracter abyssal, se encontram, em determinado periodo do dia, á superficie.

Na exposição predominam exemplares admiravelmente preparados da fauna costeira; e dos outros grupos ha exemplares rarissimos, magnificamente conservados.

Entre outros, sobresaiam o «Himantolophus Groenlandicus», que foi pescado a 175 metros de profundidade, e de que só se conhece um outro exemplar no museu de Copenhague; o «Aphanopus carbo», pescado a 1:051 metros; o «Chlamydoselachus anguineus» dois exemplares pescados um a 850 metros, e outro a 1:404 e que nunca tinham sido encontrados fóra das agua, do Japão; o «Tunicavos», a 840 metros; dois exemplares do «Panopaea Aldrovandia»; o «Saccopharynx ampullaceus», capturado a sete milhas de Cascaes S S O, emquanto fluctuava á flôr da agua, e de que apenas é conhecido um outro exemplar, em Londres. O director do museu de Vienna avaliou-o por um preço superior a cinco mil florins. Esses monstros marinhos são conservados em frascos de alcool, e, em volta, sob vitrines, a outra parte dissecada e embalsamada. Escancaram ameaçadoramente a fauce voraz armada de uma dupla fila de fortissimos e agudos dentes: estendem as cabeças grotescas que apavoram; agita-se-lhes a cauda como se navegassem nos abysmos do mar. A estranha flota olha-nos com os olhos immoveis e redondos, olhar de espanto e de ferocidade.

E são tambem rarissimos alguns espongiarios, vendo-se na collecção pequeninas esponjas negras, de malhas finas; o odoutaspis, que é uma especie nova, o tamboril com a sua boccarra medonha e larga e tantos outros exemplares desconhecidos até ha pouco na fauna geral.

Na secção relativa a transportes e cartographia, Sua Magestade apresentou uma curiosa e rara collecção de mappas e roteiros fluviaes e maritimos; o precioso portulano attribuido a Reinel, o atlas de Vaz Dourado com as suas 20 magnificas cartas illuminadas (1565 ?); o bello atlas Le Neptune François (1738) com cem cartas coloridas; o magnifico exemplar da arte de navegar de Pedro Nunes (1573) e as reproducções em *fac-simile* do atlas de Vaz Dourado, etc.

A entrada principal vista do fundo da sala

Sua Magestade, como não podia deixar de ser, teve 3 «grand prix» da Exposição. Mas uma distincção mais nobre lhe foi conferida ainda.

A Commissão da Exposição Internacional mandou cunhar uma medalha d'ouro, especial, para lhe offerecer, como preito e consagração aos seus estudos, ao seu talento e á sua dedicação por estes tão importantes trabalhos de sciencia.

SILVA ESTEVES.

A ARTE DE BEM CANDONGAR

O MUSEU DOS CONTRABANDISTAS

O antigo e moderno contrabandista ◉ Um palacio com o seu subterraneo, umas pipas com as aduellas desbastadas ◉ Na raia e no sul ◉ As mulheres dos contrabandistas e os fiscaes ◉ O seguro do contrabando

O contrabandista de dia para dia aperfeiçoa-se; ganha facilidades d'acção, chega á ultima palavra da arte. Hoje tem já a grande vantagem de se disfarçar, de passar de carruagem como um bom burguez, diante das caras espantadas dos fiscaes, de envergar um capote d'official e de negligentemente acenar a sua continencia que lhe resalva o alcool escondido sob a farda. Antigamente o mister era mais difficil. O contrabando fazia-se de duas fórmas. Por grosso, cavando subterraneos que iam dar a palacios passando sob as barreiras, ou desbastando as aduellas das pipas já tareadas com a marca de fogo d'Alfandega ou ainda — e este meio era mais arrojado — entrando em negociações com os fiscaes, o que deu resultados algumas vezes e outras sahiu caro aos negociadores.

A demorada analyse a um saloio, que sabe as portas

O contrabando que se fazia por miudo, na raia, com as mulas de patas entrapadas e os dorsos forrados de caixotes de sedas e pacotes de tabaco, esse custava tiros d'escopeta, grandes batalhas que faziam tremer as rondas e obrigavam os fiscaes a andarem de credo na bocca. No Alemtejo a perseguição do fiscal era por toda a parte. Nos montados, as locandeiras, boas mulheres até para os cães vadios, negavam-se a vender-lhes o pão, a emprestar-lhes uma pucara para beberem agua, a darem-lhes pousada sob os seus tectos nas noutes em que o vento assobiava, o rócio cahia e os bandos de contrabandistas com os animaes bem carregados, n'uma linha, as espingardas em acção de fogo galgavam os caminhos ladeados de cruzes a indicarem sepulturas de fiscaes mortos nos seus postos de honra. O contrabandista era o rei da região n'esse Alemtejo, áquem e além do Guadiana, tido como negociante emquanto o guarda era mal olhado. A vida era dura para os ultimos, mais facil para os primeiros. Os lucros então eram desproporcionados e só um grande sentimento de convencionalismo obrigava o fiscal a quedar-se no seu posto, com a sua espingarda, sob as azinheiras, vendo luzir olhos de lobos e canos d'armas dos contrabandistas, em vez de se fazer tambem a monte e de animo alegre romper na travessia ao fim da qual havia dinheiro, gloriolas de valentia e os braços rijos e os labios quentes das mulheres, as mesmas que diziam aos guardas quando pediam para lhes venderem um pão:

— Olhe... Só se elle tivesse rosalgar...

Mas o tempo veiu fazer a maior de todas as mudanças. Na raia o contrabandista já não descarrega as armas, deixa-se prender porque tem a segurança de não perder cousa alguma. Em Hespanha faz o seguro da fazenda, que, sendo apprehendida, não lhe sahe da algibeira, pois lh'a pagam. Ali o contrabandista escusa de sophismas. Só tem um fim: ir para a frente.

Ás portas de Lisboa ◉ O Museu d'Alfandega ◉ Como se passa o alcool ◉ Os janotas contrabandistas ◉ Os perús e o contrabando ◉ Saias e ancas, chapéus e tournures de lata ◉ Cantarias e toros furados

Agora, aqui, ás portas de Lisboa, o caso varia. E' necessario engenho, muito engenho! Mas tambem o homem que se dedica a esse mister tem já como o resto dos profissionaes, como os medicos, como os engenheiros, como os zoologos, um grande logar de aprendizagem: o Museu d'Alfandega. Um cumulo!

O exame de uma carroça

Ali se pódem vêr os expedientes, as largas iniciativas, as pequenas fórmas de passar o alcool, o contrabando mais usual, os estratagemas que outros puzeram em pratica e que lhes suggerem idéas para novos meios de enganar o fisco.

No contrabando teem-se empregado todos os meios desde as senhoras garridas, janotas, de bons chapéus modelos e ancas roliças, que vão cheias de alcool sob os enfeites dos chapelinhos e no arredondado dos corpos, nas *tournures* e nos seios, mesmo nos seios — tudo isto fabricado em lata, até aos bandos de perús que trazem sob as azas, bem presos, magnificos relogios de ouro. No Museu o olho attento do contrabandista póde descobrir o que já se usou e o que ainda se póde usar.

Algumas vezes as mais inoffensivas carroças transportam em fundos falsos carregamentos de alcool

Assim imagina-se um cavalheiro bem vestido, de chapéu alto, a perna bem collada ao selim, que sorri aos fiscaes todos os dias e passa a barreira caracolando até que um dia se lhe lança a mão e se vê que esse magnifico selim que rangia com o ruido de coiro novo tem debaixo um largo espaço de grossa lata onde iam, pelo menos, dez litros de alcool. Mas logo, é um saloio bonacheiro, de chapéu de borla, jaqueta e com o seu guarda chuva azul e enorme debaixo do braço, com o ar de quem vae á cidade para negocios e que dá o Deus os salve á gente do fisco. O homem passa e repassa, torna-se notado sempre ás mesmas portas até que o deteem e lhe acham alguns litros de lina cana, no castão e até sob o panno forrado de latas do seu extranho guarda-chuva.

Os expedientes são de toda a casta e alguns d'uma maravilhosa precisão, cousas que parece impossivel serem descobertas, tal é a maneira como são feitas. Uma grande carroça, puxada a pachorrentos bois, com os seus molhos de feno bem verde onde se espeta o ancinho, guiada pelo boeiro taciturno e que os fiscaes, n'aquelle tempo de rega nos campos e de cegueira para elles deixavam passar, é um repositorio d'alcool, não entre a carga, porque facil seria descobril-o, mas, onde menos se póde esperar: no varal, um varal largo e enorme como são os d'esses carros que chiam nos caminhos, com uns ares tão simples, tão primitivos e tão serenos que chegam a ser enternecedores. Pois ahi, n'esse varal, passavam algumas canadas d'alcool que se iam despejar depois em pipas adentro das barreiras. Mas ha mais, sempre mais, porque é bem fertil a imaginação do contrabandista. Algumas d'essas cousas são obras d'arte, engenhosas, extranhas, que arrebatam e depõem mais a favor dos que saltam sobre a lei do que dos seus defensores ás portas da cidade.

Um dia chega ás barreiras uma carroça carregada de toros de pinho, uns toros grossos, fortes, que a guarda fiscal manda seguir; no dia immediato vem a mesma carroça e assim vae passando em todas as portas sempre sem direitos, sempre com um alegre bons dias do carroceiro, até que entra a parecer mysteriosa. Para onde iriam todos aquelles toros de pinho?! Onde os colheriam se por ali não havia pinhaes, se não conheciam nenhum logar onde se estivessem serrando as madeiras n'aquella configuração?!

O carroceiro, interrogado sobre o mysterioso caso, deita a fugir; cahem no seu hombro as mãos apprehensoras dos fiscaes e descobre-se — que extranha idéa! — que todos aquelles toros de pinho eram furados e lá dentro havia latas com alcool. Já tinha sido roubada a fazenda publica n'uma porção de contos de réis, com aquelle ar patusco do carrejão que conduzia os grandes bocados de madeira.

Mas ha mais, sempre mais, fóra os que não se descobrem, os que andam por ahi circulando e Deus sabe quantos serão.

Pois quem imagina que uma porção de cantarias claras, finas, immaculadas, estendidas no fundo d'um carro que vem das bandas de Pero Pinheiro pódem ser furadas e conduzem algumas canadas d'alcool?!

Ninguem o acredita. Mas no emtanto, ellas que assim com o seu aspecto devem servir para tudo, desde as paredes d'um jazigo á montra d'uma confeitaria, passavam o alcool nas barreiras da cidade.

Como um caixilho de janella leva alcool ◉ O homem da *charrette* ◉ As velhas formulas ◉ A esperteza dos fiscaes ◉ Os denunciantes ◉ A mais original das denuncias ◉ Um contrabandista fardado de official ◉ ◉ Para liquidar o contrabando é preciso liquidar as barreiras

E aquelle homemsinho com o seu caixilho de janella ás costas dizendo que ia leval-o ao vidraceiro para lhe collocar os vidros, visto ser mais caro o artifice vir ao logarejo distante onde morava?! Todas as tardes, em barreiras differentes, com o seu ar saloio, fazendo rir os guardas com a idéa, elle passava sob esse caixilho todo falso uma porção de aguardente que nunca lhe apprehenderiam se por acaso, n'um dia de maior azar, não a deixasse cahir diante dos fiscaes admirados da sua magnifica invenção.

Outro era um elegante cavalheiro, muito firme no assento dianteiro da *charrette* magnifica e que a estalar o pingalim corria n'um galope louco por essas estradas acompanhado por um creado nas lindas tardes do verão.

Nas barreiras os guardas conheciam-no; faziam-lhe cumprimentos a que elle correspondia sempre com graçolas. Levava a sua bondade a marcar-lhes as cousas que trazia para o despacho; o seu cestinho com ovos, a sua bilhinha com azeite, o

Nada escapa ao exame da guarda-fiscal desconfiado e prevenido...

seu piposito com vinho e explicava aos seus conhecidos da fiscalisação essa sua maneira de viver:

«Não gostava dos generos da cidade... Tudo falsificado! Não podia morar no campo porque tinha os seus negocios. De maneira que á tardinha aproveitava, montava na *charrette*, fustigava o cavallo e ia fazer as suas compras... Os ovos eram fresquinhos, o azeite de boa qualidade, o vi-

Uma das portas de Lisboa

nho de se lhe tirar o chapéu e a manteiga, feita nos casaes, uma belleza... Quizessem elles fazer o seu despacho... Se já era tarde, não havia novidade... Voltaria no dia seguinte... Lá por casa ainda havia que comer!...

Era o querido da fiscalisação o elegante individuo tão escrupuloso de bocca que ia fóra da cidade comprar os seus generos. Mas, certa vez, apprehendem-lhe a *charrette*. O homem protesta, sorri com desdem, invoca as suas relações, falla dos despachos que sempre fazia, mas já a mão de um guarda batia nas paredes do carro que soavam a lata.

Com effeito assim era. Toda a *charrette*, desde o assento dianteiro, até aos emparos dos lados, toda, á excepção do jogo, das rodas e da portinhola, era de lata e ali se passaram durante annos milhares e milhares de litros do alcool appetecido na cidade.

Outros teem a ideia primitiva das bexigas emaladas no corpo, alguns dos colletes de folha que vestem, um ou outro dos fundos falsos de carroças, mas o engenho humano póde muito e estes meios já conhecidos são abandonados por alguns na verdade singulares.

E é tudo isto, desde os seios redondos ás cantarias claras, desde as *tournures* gentis aos pesados toros, desde os varaes fortes aos elegantes selins, desde as *charrettes* airosas aos guarda chuvas banaes que o contrabandista tem ali diante dos olhos para se inspirar, para aprender, para lhe servir de guia em novas fórmas de illudir os fiscaes arteiros ao ponto de saberem tudo isto... por denuncia!

Mas é necessario que não se fiem muito nos denunciantes, pois ha um caso que bem demonstra por vezes a sua falta de sinceridade.

Uma vez um homem respeitavel, grave, de largo sobretudo, accusou ao guarda fiscal n'uma *gare* uma senhora que trazia presas nas saias de baixo grande porção de rendas de Bruxellas. Descobriu isso n'um movimento que ella fizera e como bom cidadão fazia a sua queixa. Detidos ambos, como é da praxe, a mulher foi revistada, presa, obrigada a pagar a sua multa, emquanto o sujeito era posto em liberdade e deixava o seu nome para receber a parte do dinheiro correspondente á denuncia. A mulher cobria-o d'invectivas, lançava-lhe improperios, clamava contra elle que, ao vêr-se a distancia dos guardas, explicou:

—A senhora não perdeu nada!

—O que? Pois é capaz de me dizer isso! Umas magnificas rendas, lindas, uma soberba carregação...

—Dou-lhe outras melhores!—volveu o homem com a mesma fleugma.

—Mas quaes foram os seus intuitos, senhor?! perguntou a dama offendida e ruborisada.

E elle, entreabrindo o casacão enorme forrado d'algibeirinhas, exclamou:

—Passar estes relogios!...

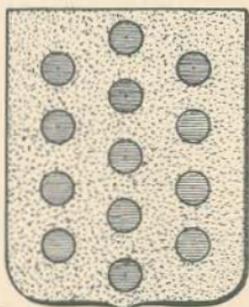
Já vêem os fiscaes que teem muito a aprender com os contrabandistas e que estes existirão sempre até que a ultima barreira se fenda, se abata, se desmorone, o que seria a morte de duas respeitaveis classes—a dos fiscaes e a dos contrabandistas é certo—mas que representaria o supremo bem estar das outras.

Do contrario assim como já houve um contrabandista que teve o arrojo de se fardar de official da guarda fiscal, é possivel que qualquer dia nas portas passe uma duzia de soldados da guarda, armados e equipados, bem cheios, d'andar seguro e arma ao hombro e que não sejam mais do que uma porção de candongueiros bem sortidos de alcool...

E' bom ficar d'aviso, senhores fiscaes, visto que elles são capazes de tudo. Mas o melhor seria usar o unico processo radical: liquidar o contrabando, liquidando as barreiras!...

ROCHA MARTINS.

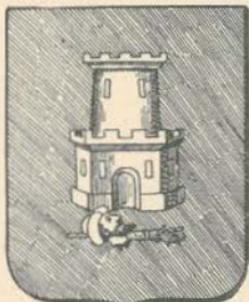
—Alto lá!...

ARMORIAL PORTUGUEZ
POR
H. C. AMADO

Avila

Avila. Em campo de ouro, treze arruelas de azul em tres palas.

Ayala

Ayala. Em campo de prata, dois lobos negros armados de sanguinho, passantes; orla vermelha com oito aspas de ouro.

Timbre: Um lobo do escudo, com uma das aspas na espadua.

Avilez

Avilez. Em campo verde, uma torre de prata com as portas e frestas do mesmo metal, e, ao pé da porta, uma cabeça de mouro, toucada de prata e cortada em sangue, tendo junto d'ella uma maça de azul com o cabo de ouro.

Timbre: Um mouro nascente, vestido de verde, os braços nús, toucado de prata, e com a maça das armas ás costas.

Azambuja

Azambuja. Em campo de ouro, quatro bandas vermelhas.

Timbre: Um meio homem selvagem coberto de cabellos de ouro com um pau de zambujo ás costas, que segura com ambas as mãos.

O CONCURSO DO VESTIDO DE BAILE

O concurso aberto no n.º 36 da *Illustração Portugueza* teve, como previamos, o mais completo exito de concorrencia. Damos em seguida os dez retratos (desmascarados) das actrizes que serviram de thema ao concurso. Apesar do grande numero de respostas exactas, como se verá da lista abaixo publicada, a percentagem dos que não obtiveram resolver um thema que se nos afigurava facil foi de tal maneira desproporcional, sobretudo nos concorrentes da provincia, que d'este facto concluimos pela conveniencia de estabelecer para futuros concursos problemas mais accessiveis á maioria dos leitores da revista. Das 1:023 respostas recebidas dentro do praso do concurso, apenas 189 indicavam pelos seus nomes exactos os dez retratos. Procedendo-se ao sorteio entre estes 189 concorrentes, sahiu contemplada com o vestido de baile e o chapéo modelo, offerecido pelo importante negociante sr. Apollinario Pereira, a

Ex.ma Sr.a D. Eugenia Maria Vieira Lopes, moradora em Lisboa, na travessa da Palmeira, 46, 1.º andar

N.º 1 Juliana Santos — N.º 2 Maria Pia — N.º 3 Lucinda Simões — N.º 4 Pepa — N.º 5 Palmyra Bastos

N.º 6 Angela Pinto — N.º 7 Virginia — N.º 8 Maria Falcão — N.º 9 Lucilia Simões — N.º 10 Rosa Damasceno

Damos em seguida o nome dos restantes 188 concorrentes, que conseguiram indicar todas as dez actrizes:

Antonio Joaquim d'Oliveira, Antonio Augusto Santos Vieira, Antonio do Carmo, Antonio Freire, Antonio Leal, Antonio Manuel Teixeira, Antonio Paes, Antonio Teixeira Barbosa, Antonio d'Oliveira, Amelia Alexandrina Coutinho, Anna Amelia Benavente, Alfredo Taveira, Alice de Sousa Martins, Alice da Silva Paes, Alice da Fonseca, Alice Ayres de Mendonça, Alice Abranches Ruas, Alda de Sousa Bastos, Alda de Brito Rebello, Alexandrina da Conceição, Albina Maria Esaria, Albina d'Oliveira, Alzira Araujo Pereira, Aida de Oliveira, Adelina Sampaio Camelier, Adelina Loureiro, Adelina da Conceição Santos, Adelaide Veiga, Adelaide Vieira, Adelaide da Conceição, Arminda Telles Nunes da Costa, Arminda Ferreira, Amelia Dunhof, Amelia Marques, Amelia de Sousa Bastos, Augusta Martins, Augusta Fernandes, A. Vieira da Silva, Bertha Pereira dos Santos, Beatriz Baptista Maria, Beatriz dos Santos Machado, Beatriz Sophia Marques, Cecilia Brandão d'Andrade, Cecilia Cunha, Carlota Coutinho, Carlota Castro, Carolina Isabel Marques, Carolina Peres de Castro, Charles Monlinier, Carmen Garcia Lopes, Capitolina da Conceição Silveira, Capitolina da Conceição Mendes, Clementina Estrella, Clementina Granado, Carlos Ferreira Lopes Mega, Delfina Araujo, Elisa Certã, Elisa Schulze, Elvira Augusta de Oliveira, Elvira Rodrigues Camelier, Elvira Adelaide dos Santos, Elvira do Amaral dos Santos Pereira, Engracia, Elmana de Brito, Eugenia de Sequeira, Emilia Cesaria de Castro, Evencia Fernandes Simões Masceno, Emilia Luiza Gomes da Silva, E. Motta Marques, Estevam do Amaral Osorio, Eduardo Granado, Eduardo de Brito, Eduardo Peres, Francisca Brazão, Filomena Brorrego, Francisca Nogueira, Gastão Osorio do Amaral, Gertrudes Rosa Dias, Honorio Granado, Helena Guerreiro, Henriqueta Certã, Humberto de Vasconcellos, Henrique Pinto Cabral, Henrique Alves (actor), Helena Lobo, Hilda Cardoso, Herminia Adelaide Sá, Helder Martins, Isaura M. Fallé Sapatinha, Idalina Amelia dos Santos Pereira, Isaura Costa, Izilda Esther de Menezes, Izabel Romero, Izidora Marinha dos Santos, Jacintha Maria Marques, Joaquina Maria d'Assumpção, Joaquina de Albuquerque, Jacob Bento Rua, Jayme dos Santos Pereira, Jorge do Amaral e Sousa, José Monteiro, José Ignacio Moreira, José Correia, José da Costa, Julieta Ferreira, Joanna Bastos de Lacerda, Joanna d'Avellar, João Coutinho, João Arriaga, João da Cruz Filippe, Julio de Magalhães Pitta, Julietta Nogueira, Julia Bizarro, Julio de Castro, Laurinda dos Santos Pereira, Leonor Nogueira, Leonilda Augusta Ribeiro da Fonseca, Luiza Ramos, Luiza Giovanelli, Laura de Lacerda Menezes, Laura Izolino, Laura Sant'Anna, Luiza Filippe da Cunha, Laura da Silva Pacheco, Marianna de Sequeira, Martha Maria Gonçalves, Manuela dos Santos, Manuela Rodrigues, Margarida Almeida, Margarida Hermann, Maria Ferreira Real, Maria Luzia de Sequeira, Maria Conceição Chagas Franco, Maria Adelina d'Arruda, Maria Guilhermina Cordeiro, Maria Thereza Ferreira d'Almeida, Maria Peres de Castro, Maria do Rosario, Maria Peres, Maria Balbina Alves, Maria Delphina, Maria da Luz Fonseca, Maria Luiza Duarte, Maria Montenegro, Maria Maximiana Certã, Maria do Carmo Campos Ferreira, Maria Cardoso, Maria da Conceição Sousa, Maria do Carmo Machado, Maria Correia da Silva, Maria da Gloria, Maria Gracinda Rodrigues Figueiredo, Maria das Dores Martins, Maria Izabel Pires, Maria da Encarnação Alves, Maria Emilia M. Neves, Maria Peres de Castro, Maria Theodora Gil, Maria S. Brandão, Maria dos Santos, Maria da Silva, Maria Franco Ferreira, Maria de Jesus, Maria Joaquina de Sousa, Maria das Dores Moura, Manuel Jesus Moura, Micool de Brito Rebello, Manuel Marques Arsenio, Maria Joaquina Carrazede, Noemia Augusta Martinho, Praxedes Xavier da Silva, Pastora Sousa Prego, madame Pereira, Pura Romero, Peregrina de Sousa, Raul Antonio Correia de Lacerda, Rogerio Garcia Perez, Ritta Celeste da Costa Carvalho, Ruy Eduardo, Sophia Barros Nobre, Lemy Ruch, Sarah Pereira, Thereza Certã, Thereza Ramos, Walter Machado, Zulmira Eugenia, José Julio da Silva Santos e Maria da Conceição de Sousa.